

**Adaptação de Arquitetura industrial a novos  
USOS  
Intervenção em Castelo de Paiva**

**Ana Filipa Pinheiro Costa Silva**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Tiago Cardoso de Oliveira

**Covilhã, junho de 2023**

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## **Declaração de Integridade**

Eu, Ana Filipa Pinheiro Costa Silva que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 37119, do curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia e Arquitetura, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior.**

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 12/06/2023

Ana Filipa Pinheiro Costa Silva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## **Dedicatória**

Dedico a presente dissertação aos meus pais e à minha avó Beatriz que estará para sempre no meu pensamento e no meu coração.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## Agradecimentos

Em primeiro lugar pretendo agradecer aos meus pais, pelas oportunidades que sempre me proporcionaram, para que hoje pudesse finalmente estar a escrever este agradecimento formal, para sempre demarcado como aquele que será o grande passo para a minha vida profissional. Por isso, agradeço-te a ti Mãe, por seres a minha melhor amiga e por estares sempre do meu lado de forma incondicional e a ti Pai, por olhares sempre por mim e insistires nos valores e educação.

Obrigado á minha estrela, a minha avó Beatriz, pela dedicação, pelo amor e o carinho que sempre me deu enquanto cá esteve. Sei que continua a olhar por mim..., eu também por ela, para sempre.

Agradeço ao meu namorado e ao meu irmão, bem como aos amigos que a cidade neve me proporcionou durante este percurso.

À Idália, Cláudio, Hugo e Tereso, Bela, Phillipe..., um obrigado por todos os momentos.

Agradeço também ao professor Tiago Oliveira por todo o auxílio durante a fase de orientação, bem assim ao Arquiteto Bruno pela ajuda na escolha do tema.

Por último, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento pessoal e académico..., um Obrigado!

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## Resumo

Os meios rurais possuem memórias culturais e artísticas que, sendo devidamente exploradas, poderão contribuir para o desenvolvimento territorial. Nesse sentido, a presente dissertação pretende propor a reabilitação de um armazém de vinhos, adaptando para um novo uso a edificação localizada no lugar do Castelo, sito na freguesia de Fornos, no concelho de Castelo de Paiva.

Considerando o movimento crescente de turistas que nos últimos anos se tem verificado na região, achou-se por bem idealizar um projeto que, partindo de uma edificação industrial atualmente disfuncional, ao abandono, sem enquadramento paisagístico e desagradável à vista, fosse capaz de a recriar arquitetonicamente, atribuindo-lhe um uso diferente, reunindo condições ótimas de conforto, sem que por isso se perdesse a memória do objetivo/função original. Articulando a linguagem arquitetónica do edifício existente com a circunstância contemporânea, tomou-se como objetivo encontrar uma nova imagem e uma nova dinâmica para a edificação e área envolvente, tornando-a apelativa para a atividade turística.

A edificação em análise, de tipologia industrial, foi construída em 1968. Sendo a região de Castelo de Paiva uma zona de produção de Vinho Verde, serviu inicialmente para a produção de vinho e aguardante, e mais tarde apenas para armazém.

Trata-se de um edifício de dimensão considerável, que está há vários anos ao abandono, mas se insere numa zona bastante procurada por turistas, que é valorizada pela proximidade dos rios Douro e Paiva e as suas praias fluviais, da *Ilha dos Amores*, uma das atrações maiores do concelho, bem como dos *Passadiços do Paiva*, em Arouca. Optou-se por adaptar o armazém para Alojamento Local, como forma de atrair turistas e melhorar a oferta, construindo um equipamento com identidade, que guarde a memória do passado e da utilização anterior do edifício, mas que seja adequado às circunstâncias e expectativas atuais, não esquecendo a relação com a envolvente. Procurou-se assim a realização de um projeto que respeitasse o carácter original do edificado, de forma a garantir que não é esquecida a sua origem, mantendo a ligação do seu passado arquitetónico com a contemporaneidade.

A arquitetura é a arte de criar soluções capazes de responder a problemas e necessidades reais, pelo que é objetivo deste trabalho provar que é possível salvaguardar edifícios de tipologia industrial sem que para isso a atribuição de novos usos seja prejudicial, mas antes uma oportunidade para encontrar novas soluções. Por outro lado, a adaptação, como proposto nesta dissertação, deste edificado a um novo uso, além da melhoria arquitetónica, estética e funcional, contribui para a valorização da identidade local, não só pela preservação do construído como também pela utilização de materiais da região.

## Palavras-chave

Reabilitação; identidade; tipologia industrial; alojamento local; Castelo de Paiva.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## Abstract

Rural areas possess cultural and artistic memories that, if properly explored, can contribute to territorial development. In this sense, this dissertation aims to propose the rehabilitation of a wine warehouse, adapting the building located in the place of “Castelo”, situated in the parish of “Fornos”, in the county of “Castelo de Paiva”.

Considering the increasing movement of tourists that has been observed in the region in recent years, it was deemed appropriate to conceive a project that, starting from a currently dysfunctional, abandoned, and visually unappealing industrial building, could architecturally recreate it by assigning a different use, providing optimal comfort conditions without losing the memory of its original purpose/function. By articulating the architectural language of the existing building with the contemporary context, the objective was to find a new image and dynamics for the building and its surroundings, making it appealing for tourism activities.

The building under analysis, of industrial typology, was constructed in 1968. Being in the region of “Castelo de Paiva”, an area known for the production of green wine, it initially served for the production of wine and spirits, later solely as a warehouse.

It is a sizable building that has been abandoned for several years but is located in a highly sought-after area by tourists, valued for its proximity to the Douro and Paiva rivers, their river beaches, the “*Ilha dos Amores*”, one of the major attractions of the county, as well as the “*Passadiços do Paiva*” in Arouca.

The decision was made to adapt the warehouse into a Local Accommodation as a way to attract tourists and improve the offerings, creating a facility with its own identity that preserves the memory of the building's past and previous use, while being suitable for current circumstances and expectations, without neglecting the relationship with the surroundings. The aim was to carry out a project that respects the original character of the building, ensuring its origins are not forgotten and maintaining the connection between its architectural past and contemporaneity.

Architecture is the art of creating solutions capable of addressing real problems and needs, so the objective of this work is to prove that it is possible to safeguard industrial buildings without detrimental consequences when assigning them new uses, but rather as an opportunity to find innovative solutions. Furthermore, the adaptation proposed in this dissertation, in addition to the architectural, aesthetic, and functional improvement, contributes to the valorisation of the local identity, not only through the preservation of the structure itself but also through the utilization of local materials.

## Keywords

Rehabilitation; identity; industrial typology; local accommodation; Castelo de Paiva.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

# Índice

Introdução .....	1
Estrutura .....	5
1. Objetivo .....	7
2. Enquadramento .....	9
2.1. Geografia e Morfologia .....	9
2.1.2. Rota do Românico.....	12
2.1.3. Projeto “ <i>Viver o Paiva D’Ouro</i> ” .....	14
2.1.4. Vinho Verde.....	15
2.2. Rede Hidrográfica .....	16
3. Contexto Histórico .....	18
3.1. Exploração Mineira na região - Minas do Pejão .....	21
3.2. Património Cultural.....	24
3.3. O lugar do Castelo, Freguesia de Fornos.....	25
3.4. A Ilha dos Amores .....	27
4. Evolução do conceito de restauro.....	31
4.1. A teoria do restauro segundo Eugéne Viollet-Le-Duc .....	34
4.2. Teoria do restauro segundo John Ruskin .....	35
5. Readaptação da Arquitetura para novos usos .....	39
5.1. Arquitetura de Lacaton e Vassal.....	40
5.2. Casos de estudo.....	42
5.2.1. Casa em Barcelona - Cadaval e Solà-Morales.....	43
5.2.2. Armazém de ferro convertido a habitação de luxo, Porto -Arquitetos Pedra Líquida ...	45
5.2.3. Theatro, Póvoa do Varzim.....	47
5.2.4. Bar Virgen del Carmen, Estudio Arn Arquitectos .....	49
5.2.5. Reflexão Final .....	51
6. Proposta Arquitetónica .....	53
6.1. Objetivos.....	53
6.2. Apresentação do local.....	54
6.3. O Lote .....	55
6.4. Projeto Final .....	61
6.5. Conceito.....	62
6.6. O Armazém .....	64
6.7. Distribuição do espaço .....	65
6.8. O Alambique .....	77
6.9. Plantas.....	79
6.10. Alçados .....	85
6.11. Renders .....	87
Bibliografia .....	99

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## Lista de Figuras

Figura 1. Planta Topográfica de localização   Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva.....	2
Figura 2. Mapa topográfico altimétrico de Castelo de Paiva   Fonte: topographic-map.com.....	3
Figura 3. Localização do concelho de Castelo de Paiva no mapa de Portugal   Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva .....	9
Figura 4. Localização geográfica das freguesias do concelho   Fonte: Sistema de informação geográfica de Castelo de Paiva .....	11
Figura 5. Percurso Vale do Douro da Rota do Românico   Fonte: rotadoromânico.com .....	12
Figura 6. Marmoiral de Sobrado - Monumento inserido na Rota do Românico   Fotografias do autor .....	13
Figura 7. Reportagem fotográfica no percurso "Viver O Douro" efetuada pelo autor .....	14
Figura 8. Ilha dos Amores   Fotografia do autor .....	16
Figura 9. Mapa do território de Anégia, do séc. XI   Fonte: Arquivo municipal do Porto .....	18
Figura 10. Áreas de exploração Mineira (atualmente desativadas)   Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva .....	21
Figura 11. Legado Mineiro da Bacia Carbonífera do Douro   Imagem retirada da Tese existente no endereço do Repositório Aberto da Universidade do Porto: Território de produção energética e património paisagístico. A Bacia Carbonífera do Douro. (up.pt).....	22
Figura 12. Cavalete do Fojo   Fonte: Payvaexperience .....	23
Figura 13. Miradouro de Catapeixe   Fotografias do autor .....	24
Figura 14. Aldeias de Xisto de Midões e Gondarém   Fotografia do autor.....	24
Figura 15. Identificação da Freguesia de Fornos no mapa do concelho   Sistema de informação geográfica de Castelo de Paiva .....	25
Figura 16. Áreas Integrantes do programa estratégico de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal   Fonte: Câmara Municipal.....	26
Figura 17. Localização geográfica da Ilha dos Amores   Ilustração Filipa Silva.....	27
Figura 18. Ilha dos amores antes e após a construção da barragem   Fonte: Facebook “monumentos desaparecidos” .....	29
Figura 19. Eugène Viollet-Le-Duc   Fonte Archdaily .....	34
Figura 20. John Ruskin   Fonte: Britannica.....	35
Figura 21. Palais de Tokyo em Paris   Fonte: lacatonvassal.com.....	41
Figura 22. Tour Bois-Le-Prêtre   Fonte lacatonvassal.com .....	41
Figura 23. Exterior da Casa em Barcelona   Fonte: Archdaily.....	43
Figura 24. Interior da casa em Barcelona   Fonte: Archdaily .....	44
Figura 25. Exterior do Armazém de Ferro   Fonte pedraliquida.com .....	45
Figura 26. Interior do armazém de ferro   Fonte: pedraliquida.com .....	46
Figura 27. Exterior do Theatro   Fonte: Archdaily .....	47
Figura 28. Interior do Theatro   Fonte: Archdaily .....	48
Figura 29. Exterior do Bar   Fonte: Archelo .....	49
Figura 30. Interior do Bar   Fonte: Archelo.....	50
Figura 31. Marcação da área do projeto   Fonte: Google Maps .....	53
Figura 32. Exemplo das edificações habitacionais ao longo da Rua do Castelo   Fonte: Google Maps.....	54
Figura 33. Planta do existente   sem escala .....	55
Figura 34. Alçado Este – Existente   sem escala .....	56
Figura 35. Alçado Sul- Existente   sem escala .....	56
Figura 36. Alçado Oeste- Existente   sem escala .....	56
Figura 37. Alçado Oeste- Existente   sem escala .....	56
Figura 38. Distinção dos materiais da fachada do armazém .....	57
Figura 39. Perspetivas exteriores do Armazém   Fonte: Google Maps.....	58
Figura 40. Enquadramento e relação do edifício com a paisagem   Fonte Google Maps.....	59
Figura 41. Vista Frontal do armazém de vinho verde   Fotografia do Autor.....	61
Figura 42. Esquema geral.....	62
Figura 43. Esquema com as intenções do projeto .....	63
Figura 44. 3D da zona de entrada das habitações .....	63
Figura 45. Esquemas do edifício existente.....	64
Figura 46. Vista Frontal do armazém de vinho verde .....	65
Figura 47. Inserção de vegetação no projeto .....	66
Figura 48. Planta do Piso 00 – Alterações   sem escala.....	67
Figura 49. Planta do Piso 01- Alterações   sem escala .....	67
Figura 50. Planta do Piso 00 – Proposto   Sem escala.....	68
Figura 51. Perspetiva da escada no espaço em 3D.....	69
Figura 52. Perspetiva em 3D .....	69
Figura 53. Corte com a localização da escada no edifício.....	70
Figura 54. Fixação da escada à parede.....	70
Figura 55. Perspetiva 3D das duas partes da escada .....	71

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Figura 56. Fixação dos cabos tencionados na chapa de aço através de solda .....	71
Figura 57. Fixação da escada à laje durante o processo de betonagem.....	71
Figura 58. Planta do Piso 01   Sem escala .....	72
Figura 59. Esquema do processo de reconstrução .....	73
Figura 60. Materialidade do Alçado Norte .....	74
Figura 61. Materialidade do Alçado Sul.....	75
Figura 62. Imagem do Alambique e perspetiva 3D da proposta .....	77
Figura 63. Perspetiva 3D do interior do Alambique com vista para o Armazém.....	78
Figura 64. Perspetiva do interior do Alambique com vista para a entrada.....	78

## **Lista de Acrónimos**

CMCP- Câmara Municipal de Castelo de Paiva

PDM- Plano Diretor Municipal

ADEP- Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Castelo de Paiva

AL- Alojamento Local

POACL- Plano de Ordenamento de Albufeira de Crestuma e Lever

NPA- Nível de pleno armazenamento

EN- Estrada Nacional

IC- Itinerário Complementar

A4- Autoestrada Transmontana

ARU- Áreas de Reabilitação Urbana

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

# Capítulo I

## Introdução

Não só em Castelo de Paiva, mas também no resto do país, é comum ver-se edifícios em adiantado estado de degradação, carregados de uma enorme bagagem de memórias.

A presente dissertação defende a preservação da história escondida por detrás das quatro paredes de alvenaria, que caracterizam o edifício situado junto à praia fluvial do Castelo, adaptando-o para a função de residência, seguindo a ideia de valorizar o local através da reestruturação arquitetónica do edifício, concedendo-lhe uma nova função que preencha as necessidades do lugar. Tratando-se de um projeto de intervenção numa pré-existência que implica uma alteração de uso, este tipo de procedimento pode ser considerado como reabilitação.

Assim, a primeira abordagem foi ir ao local fazer o levantamento, observar, fotografar, recolher informações, e pensar numa estratégia para readaptar o armazém para um uso diferente, tirando partido das paredes de alvenaria existentes e do pé direito alto. Depois da fase de recolha e pesquisa, sistematizados e relacionados todos os elementos, procurou-se imaginar um projeto que correspondesse às necessidades locais, não apenas em termos de utilidade prática, mas também de qualidade arquitetónica e integração paisagística.

Sendo o principal objetivo dar uma nova vida, através da alteração de uso, a uma construção antiga de enorme impacto visual devido à sua localização, procurou-se reinserir novamente o edificado no coração da Praia do Castelo numa nova dinâmica. Desta forma, pretende-se chamar a atenção da câmara municipal para a valorização de espaços de tipo semelhante que existem pelo concelho, no sentido de não demolir, e de aproveitar as sinergias criadas no passado e fazer a sua remodelação de modo a servir o presente. A preservação e restauro de edifícios pré-existentes promove também a curiosidade dos visitantes, contribuindo para a economia e crescimento a todos os níveis, de forma mais sustentável, e mantém presente no edificado as épocas marcadas pelo que se mantém e pelo que se adiciona.

É através da arquitetura que se cria a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade que muitas vezes se esquece de aproveitar os seus valores, artes e ofícios tradicionais, a cultura... É através da arquitetura que se pode evitar que perdurem edifícios sem uso, dando-lhes uma nova vida, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e da economia local, criando lugares que possam estabelecer ligações entre o espaço urbano e o coletivo e entre a comunidade e o turismo. O tema e o conteúdo deste trabalho de projeto foram idealizados de forma a contribuir para a formulação de respostas a tais problemáticas.

Ao longo do desenvolvimento da presente dissertação foi necessário enquadrar o trabalho tendo em conta os objetivos pretendidos, bem como o local, os costumes, a cultura e todo o

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

enquadramento geral, para assim se atingir o melhor resultado possível para a realização do projeto de arquitetura. Antes disso, entender e estudar a histórias dos conceitos básicos do restauro e conservação de edifícios foi primordial para se alcançar o melhor resultado arquitetónico, capaz de respeitar e resolver as necessidades atuais sem esquecer o passado.

Assim, a primeira abordagem passou pelo entendimento ao nível de Plano Diretor Municipal (PDM) para se aferir do que seria possível ou não fazer, tendo em conta as limitações.

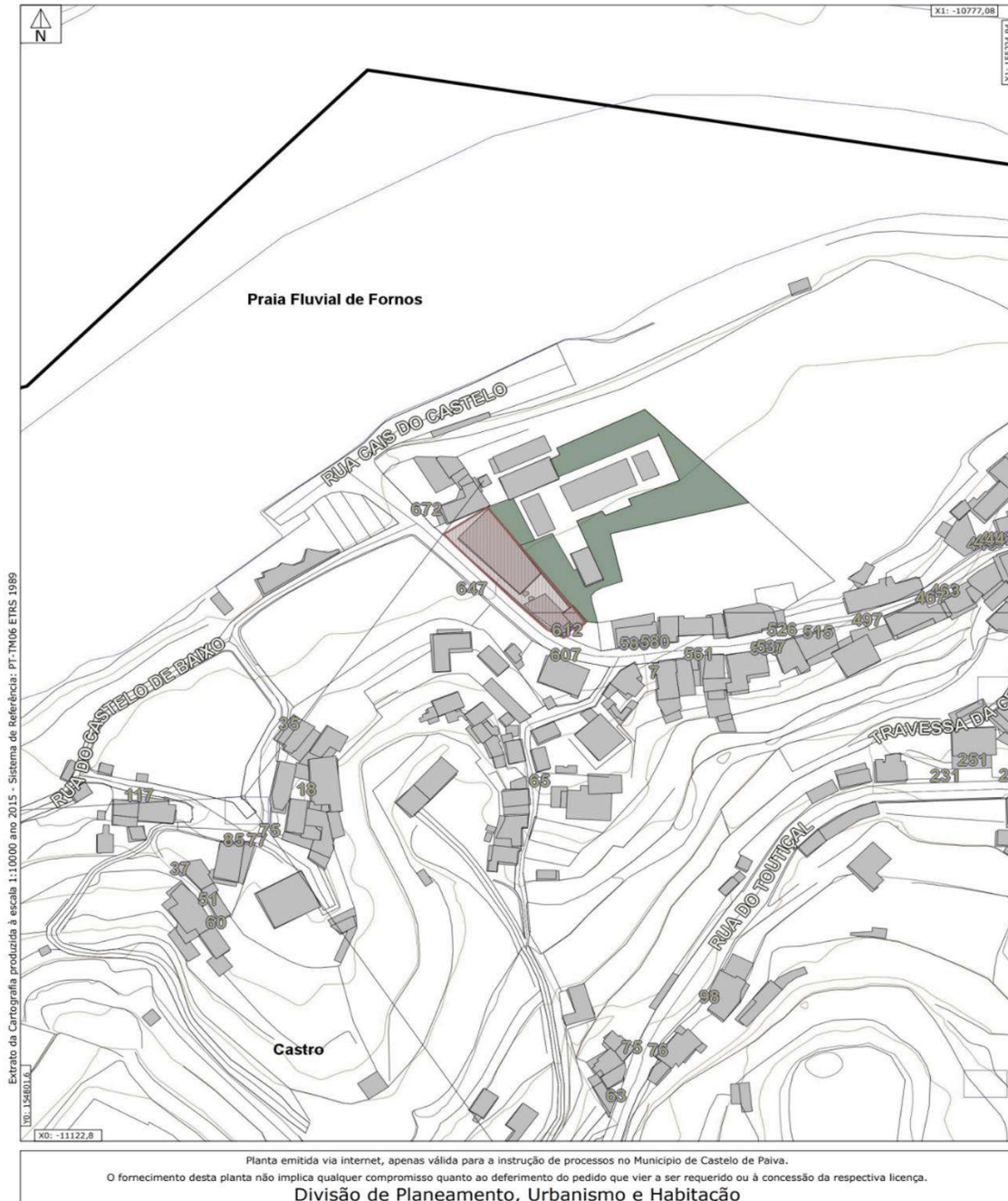


Figura 1. Planta Topográfica de localização | Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva

Após análise do PDM de Castelo de Paiva, tendo-se verificado quais as condicionantes do local, um terreno cujo polígono de implantação já estava definido pelas quatro paredes de pedra do armazém e edificação anexa, verificou-se que obedece às seguintes condicionantes:

- Planta de Ordenamento I - Espaços Urbanos de baixa densidade;
- Planta de Ordenamento II: Estrutura ecológica Fundamental e Zona Mista;
- Planta de Ordenamento III: Zona reservada para albufeira e Áreas de Salvaguarda de tipo IV A
- Condicionantes I: Zona Inundáveis; Zona Reservada;
- POACL- Áreas de Utilização recreativa e de lazer tipo I.

Foi possível assim perceber as limitações ao nível do projeto, dado que o terreno se insere numa área com bastantes condicionantes ao nível do PDM. Estando o armazém localizado numa área abrangida pelo POACL (Plano de Ordenamento de Albufeira de Crestuma e Lever), o projeto é limitado ao nível da implantação por não serem permitidas obras de construção e ampliação de edifícios existentes, a menos que tenham como objetivo a integração e recomposição urbanística, o que é o caso do projeto que se propõe. No entanto, apesar de no POACL ser permitido o aumento da implantação do projeto, o terreno também se insere em Zonas Inundáveis (zonas situadas em solo urbano que podem ser alvo de inundação), onde apenas é permitida a reconstrução de edifícios existentes desde que não se aumente a área de implantação, estabelecendo-se assim que se poderia apenas trabalhar com os limites de implantação existentes. Outro ponto negativo das Zonas Inundáveis seria o facto de não ser permitida a alteração de uso para habitação ou atividades económicas nos pisos com cotas inferiores à cota de cheia máxima estabelecida pelo NPA (Nível de Pleno Armazenamento), que define a cota de cheia máxima altimétrica nos 13m. Uma vez que o armazém se encontra a 21m essa restrição não abrange o projeto.



Figura 2. Mapa topográfico altimétrico de Castelo de Paiva | Fonte: topographic-map.com

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

# Estrutura

Este trabalho foi concebido com uma componente teórica e outra prática.

A primeira contempla uma parte inicial de apresentação geral e de contexto histórico, apresentando as principais características e contextualização histórica do concelho, partindo para a apresentação da freguesia em que se situa o projeto em desenvolvimento, onde se apresentam os aspetos principais do lugar e as principais atrações a ter em conta.

No segundo capítulo foram escolhidos quatro casos de estudo que se consideram de especial relevância para o desenvolvimento do tema, em que, há semelhança deste trabalho, se alterou a função inicial. Nesta parte pretendeu-se analisar de forma individual cada um, prestando atenção à conceção arquitetónica e à forma como cada projeto foi resolvido, considerando as principais características, para assim se fundamentar melhor as ideias a colocar em prática na última parte do trabalho.

Esta sequência foi pensada e organizada com o objetivo de construir uma base sólida para a realização posterior da componente prática e concretizada para servir de verificação da validade das formulações teóricas obtidas pela sua aplicação ao contexto concreto.

O terceiro e último capítulo dá lugar à apresentação do armazém, onde se explica o processo de desenvolvimento de ideias para se chegar ao projeto final de restauro e alteração de uso.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

# 1. Objetivo

Depois de algum tempo de pesquisa e reflexão sobre qual seria o terreno e a edificação ideal para o projeto de arquitetura que irá culminar o meu percurso académico, com a ajuda do Arquiteto Bruno Mendes, que sempre me auxiliou nessa procura, tive a oportunidade de abraçar um projeto de reabilitação de uma edificação e terreno contíguo, situado no lugar do Castelo, em Castelo de Paiva, lugar que me viu crescer.

Um dos objetivos pessoais para a realização deste projeto de dissertação, além do contributo académico e profissional enquanto futura arquiteta, foi o de tentar acrescentar algo moderno, apelativo e ao mesmo tempo funcional, de forma gratuita, pelo meu trabalho, à minha terra-Castelo de Paiva. Se não formos nós, “os da terra”, a arregaçar as mangas e a abraçar o que é nosso, quem o fará? Dada a minha proximidade com o lugar do Castelo e com as suas gentes, foi relativamente fácil identificar as problemáticas arquitetónicas e construtivas do local e tentar fazer o melhor aproveitamento. É sem dúvida uma área que se pretende valorizar através de um projeto capaz de transformar a zona, destacando-a pelo bom uso da arquitetura, potenciando a simbiose entre o estilo arquitetónico local e a paisagem com a modernidade, através do uso de formas retilíneas, cores claras e espaços amplos, com o objetivo de tornar o local ainda mais apelativo e de potencializar o turismo.

Como é sabido, as terras do interior são sempre um pouco esquecidas e deixadas de lado, razão pela qual se pretende dar ao lugar do Castelo uma nova realidade e qualidade arquitetónica, com uma intervenção que possa servir de exemplo a outros lugares do concelho, pela atualidade e simultaneamente pela integração. O trabalho de definição conceptual do que se pretende projetar, ou seja os raciocínios, os avanços e recuos do pensamento quanto às análises que se pretendem fazer, e que integram todo o processo de conceção, tem como fim a realização de um edificado que promova e enriqueça a zona em análise em termos arquitetónicos, dando novo uso a um edifício, de área considerável, que atualmente está ao abandono, sem deixar de considerar o meio envolvente. Como consequência surgiu a necessidade de colocar a questão... o que é que este edificado ou armazém poderá trazer de novo a este sítio?

A ideia de adaptar o uso do armazém para Alojamento Local (AL) nasceu da constatação da procura crescente que o concelho tem sentido a nível turístico, em especial na época do Verão, sendo que o próprio concelho tem cada vez mais adotado estratégias para desenvolver e dar a conhecer Castelo de Paiva além-fronteiras.

A proximidade do concelho com a cidade do Porto, as paisagens deslumbrantes, as praias fluviais, as perspetivas dos rios Douro e Paiva, a tranquilidade do meio rural, a existência de produtos frescos e de qualidade a preços acessíveis, o Vinho Verde e tantos outros, potenciam a visita de turistas e a procura de alojamento de qualidade.

Como foi dito anteriormente, este era um armazém que foi construído para produção de vinho verde, no entanto, com o crescimento do negócio, a empresa teve necessidade de parar a produção neste local, servindo o espaço a partir daí apenas para armazém.

Devido ao seu crescimento, a empresa, mudou-se para outra área do concelho em meados do ano de 2000, ficando o armazém ao abandono até aos dias de hoje.

O impacto visual negativo do edificado, devido sobretudo à falta de uso e falta de manutenção, é evidente para quem navega no Douro, sobretudo os turistas que se deslocam em lazer nas embarcações de recreio ou em direção à Régua.

Trata-se de um edifício que é essencialmente marcado pelas suas paredes em pedra de duplo pé direito, com uma cobertura inclinada em chapa, como muitos dos edifícios de carácter industrial da época, que se podem ainda observar na zona ribeirinha do cais de Gaia, onde existe o maior património arquitetónico relacionado com o vinho do Porto. Em Gaia, este edificado também tem sido, ao longo dos anos, revalorizado e adaptado para novos usos, criando dinâmicas.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é valorizar o património industrial como testemunho da cultura e da história do local, adaptando-o à circunstância contemporânea.

Deve-se destacar que uma das preocupações deste projeto foi a de não alterar a configuração do terreno original, salvaguardando a estabilidade do edifício, que se encontra numa cota superior à da estrada, suportado apenas por um muro de pedra que contorna a rua até à zona ribeirinha.

A ideia do projeto é integrar o edifício na envolvente sem desvalorizar o contexto paisagístico em que se insere, de forma a tornar o existente mais apelativo para quem visita a zona, respeitando tradições locais e adotando materiais típicos desta região, tais como o xisto e a pedra amarela, contribuindo assim para uma nova centralidade e reinterpretação da forma de se viver neste local.

Para o efeito pretende-se estudar o passado do território, analisar o presente e planear o futuro, procurando-se fazer uma planificação com objetivos determinados, de acordo com os seguintes quesitos:

- Estudar as principais características da arquitetura industrial do edifício existente;
- Analisar as carências da envolvente à área de estudo;
- Preservar o quanto possível as características arquitetónicas essenciais do edifício;
- Requalificar a zona envolvente, para implementação de novas dinâmicas;

## 2. Enquadramento

### 2.1. Geografia e Morfologia

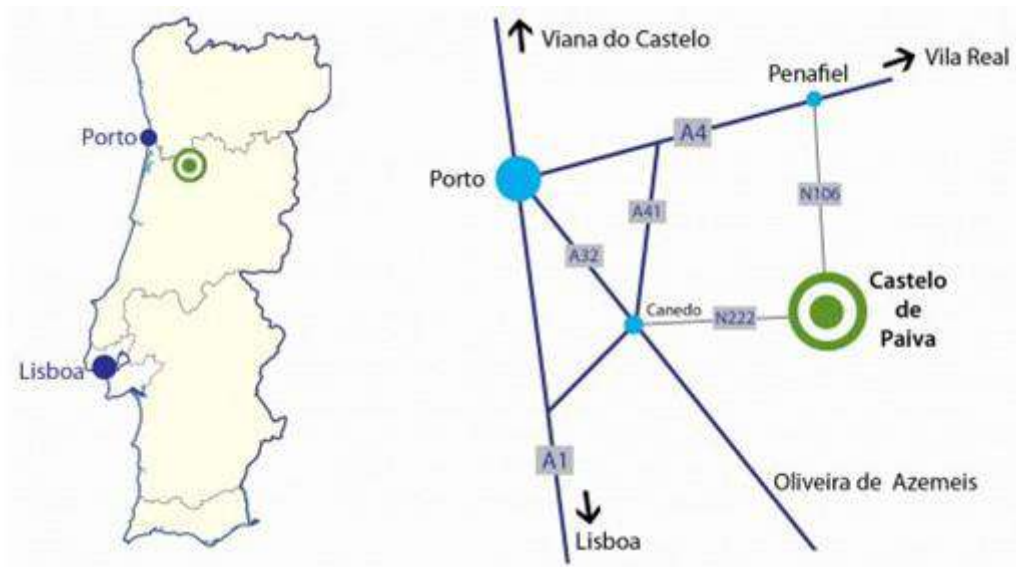


Figura 3. Localização do concelho de Castelo de Paiva no mapa de Portugal | Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva

Castelo de Paiva é um concelho que até meados do Séc. XIX se designava por Paiva.

Tem uma área de 115,01 km<sup>2</sup>, pertence ao distrito de Aveiro e integra-se na província do Douro Litoral, confinando com as Beiras. Além disso, acolhe uma população que ronda os 16.733 habitantes residentes, que, segundo os últimos censos realizados em 2021, inclui 8.551 mulheres e 8.182 homens. Após essa análise foi possível verificar que o decréscimo da população tem vindo a aumentar, em especial junto da população jovem, sendo o turismo uma atividade recente nos últimos anos, que pode contribuir para a fixação da população.

As características específicas da orografia e geografia de Castelo de Paiva estão bem expressas na sua paisagem, demarcada pelos três maiores cursos de água que cruzam as Terras de Paiva, o rio Douro, o rio Paiva e o rio Arda.

O concelho situa-se a 45 km da cidade do Porto, existindo por esse motivo um grande fluxo diário de veículos e de pessoas nas vias rodoviárias que demarcam o percurso. De forma a melhorar as acessibilidades está prevista a construção de uma variante a ligar à EN224 (IC35), que irá proporcionar uma interligação mais rápida com a comunidade do Vale do Sousa e com a autoestrada A4 e por consequência, com o Porto.

Será assim facilitado o acesso não só aos turistas que têm interesse em visitar Castelo de Paiva, bem como á população.

Além do grande Porto, outras capitais de distrito estão situadas com alguma proximidade e providas de facilidades em termos rodoviários, como sejam Vila Real (distante 80 km), Braga (distante 85 km), Aveiro (distante 94 km) e Viseu (distante 97 km).

Castelo de Paiva é um dos dezanove municípios do distrito de Aveiro. Antes da última reorganização administrativa era constituído por 9 freguesias que, entretanto, foram unificadas em apenas seis, a saber, Fornos (freguesia do local em estudo), Real, Santa Maria de Sardoura, União de freguesias da Raiva, Pedorido e Paraíso, União de freguesias de Sobrado e Bairros, sendo esta última a sede do concelho.

No concelho distinguem-se duas áreas geológicas. Uma que abrange a zona NE do concelho e integra as freguesias de União de freguesias de Sobrado e Bairros, Fornos e Santa Maria de Sardoura, caracterizadas por serem zonas com um solo constituído essencialmente por granitos azuis e por terras arenosas.

A União de freguesias da Raiva, Pedorido e Paraíso e Real, abrangem uma zona onde existe mais abundância de xistos. Estas são zonas marcadas pela exploração mineira, especialmente de carvão e o território é tradicionalmente rural. Nesta região as edificações no concelho têm uma presença escassa comparativamente ao território verde e a Sul, por causa da topografia naturalmente acentuada, distribuem-se de forma desequilibrada, favorecendo o desenvolvimento de pequenos povoados isolados.

Já a Norte o número de edificações é mais intenso, onde se destaca a Vila de Sobrado, por ser o local que reúne a maior quantidade edifícios contruídos devido à sua proximidade com a Câmara Municipal, tribunal, bancos e outro tipo de serviços e comércio. Ainda que muitos residentes optem por sair do concelho à procura de uma vida melhor, geralmente emigrando para o estrangeiro, nota-se que nos últimos anos tem existido um aumento significativo de procura de casa, nomeadamente por parte de pessoas que tentam fugir ao ambiente citadino e encontram aqui a tranquilidade e qualidade de vida que ambicionam.

Embora Castelo de Paiva em tempos tenha sido marcado pela agricultura e pela exploração mineira, atualmente as vinhas e o turismo têm um papel fundamental na economia da região, assim como a indústria do calçado, do têxtil, da madeira e da marroquinaria.

Além disso, também o artesanato tem vindo a crescer nos últimos tempos, em particular os trabalhos executados em linho, cobre e cestaria, valorizando a cultura local e contribuindo também decisivamente para o aumento do turismo.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

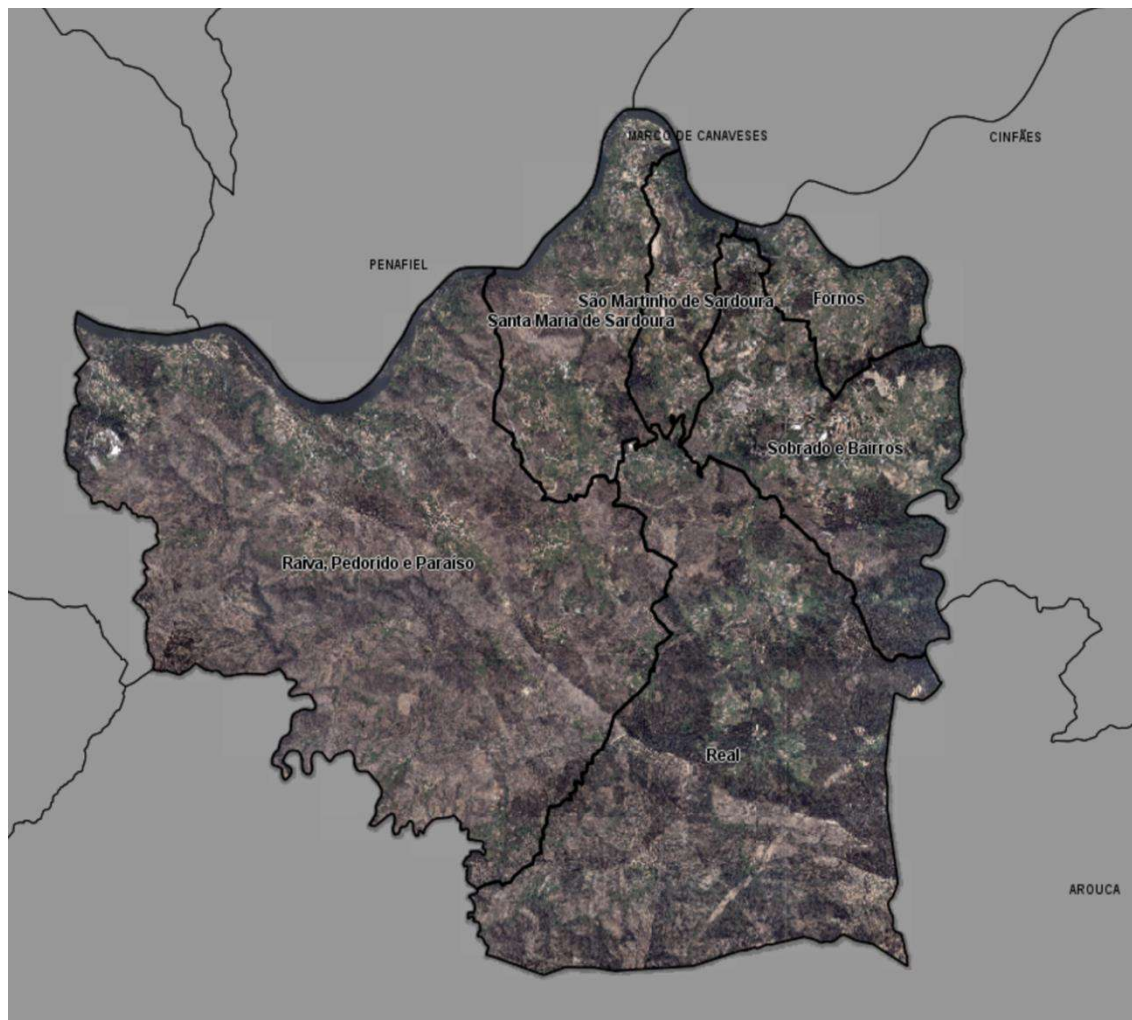


Figura 4. Localização geográfica das freguesias do concelho | Fonte: Sistema de informação geográfica de Castelo de Paiva

## 2.1.2. Rota do Românico



Figura 5. Percurso Vale do Douro da Rota do Românico | Fonte: rotadoromânico.com

Atualmente o concelho está inserido na Rota do Românico, um projeto turístico-cultural que se distingue pelo património arqueológico distribuído ao longo de doze municípios do Vale do Sousa, Douro e Tâmega. É ao longo desta região que se encontra um importante património arqueológico de origem românica, reunindo todas estas áreas traços comuns.

Castelo de Paiva integra esta rota desde o ano de 1998, devido sobretudo à existência do Marmoiral de Sobrado ou Marmoiral da Boavista, localizado na união de freguesias de Sobrado e Bairros, que apresenta uma forma diferenciada em relação a outros da época, uma vez que não apresenta arco superior, como os exemplos dos Memoriais da Ermida em Penafiel e Marco de Canaveses (Pinho, 1991).

O Marmoiral de Sobrado é formado por duas cabeceiras verticais de formato circular na parte superior, com cruces latinas gravadas em cada uma das faces. Este tipo de simbologia era muito usado na época românica, tanto em monumentos tumulares como em paredes de igrejas. Muito embora seja complexo aferir a data deste monumento, já que contém uma estrutura ligeiramente diferente dos outros, acredita-se que será de meados do século XIII (Monterey, 1997).

Reza a lenda, história intimamente relacionada com a freguesia de Sobrado, que D. Martim de Bulhões, quando jovem, apaixonou-se por D. Maria Teresa e seu pai D. Gil, exigiu que o pretendente fosse para a guerra antes de se casar com a filha. No entanto existia outro pretendente, D. Fafes, Senhor da Raiva, que desejava também enamorar-se e casar com D.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Maria Teresa, o que tentou à força. No entanto, no dia em que tentou proceder à sua captura, D. Martim regressou da guerra, disputando o amor daquela junto às portas da Casa da Boavista. D. Martim saiu vitorioso. Para eternização desse feito, D. Martim mandou erigir uma sepultura para D. Fafes, à porta da Casa da Boavista, permanecendo assim aquela sepultura, o Marmoiral de Sobrado, até hoje como um símbolo desse episódio romântico e histórico. No entanto será importante relevar que esta lenda é baseada na memória coletiva local, que passou de boca em boca entre gerações e não é baseada em documentação ou outra fonte mais fidedigna (Monterey, 1997).

Em 2010 a Rota do Românico passou a integrar Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende, sendo considerado para a escolha as semelhanças em termos de património. O objetivo da Rota do Românico é essencialmente contribuir para o desenvolvimento dos territórios integrantes e tornar as regiões que a constituem num produto turístico reconhecido por excelência, divulgando a par a história de épocas longínquas, que nos deixaram como vestígios inúmeros monumentos. É também através do património que cada vez mais o concelho de Castelo de Paiva se torna conhecido, potencial turístico ainda pouco explorado, incluindo-se também o artesanato, a gastronomia e a paisagem natural, que não deixa de ser um legado dos nossos antepassados.



Figura 6. Marmoiral de Sobrado - Monumento inserido na Rota do Românico | Fotografias do autor

### 2.1.3. Projeto “Viver o Payva D’Ouro”

“Viver o Payva D’Ouro” consiste num projeto que integra um percurso pedestre inspirado no Douro, com cerca de 15 km, onde foram incluídas estruturas em madeira idealizadas pela APROPLAN (empresa de arquitetura paisagística), tais como passadiços e miradouros, com a forma de um barco Rabelo.

O percurso “Viver o Douro” tem início na praia de Pedorido, através de um trecho de madeira, terminando para já no hotel Octant Douro. A ideia será prolongar esta linha ao longo de toda a região do concelho que delimita o Douro, através da criação de zonas em percursos de madeira e outras em percurso natural, com sinaléticas que vão dando conhecimento das paragens em forma de Barco Rabelo, as quais existirão ao longo da caminhada como pontos para descanso e fruição da paisagem. Apesar da existência de rotas turísticas no Rio Douro, este projeto trará uma nova vida a toda a parte limítrofe do concelho, contribuindo decisivamente para o interesse turístico. Assim, será intenção da Câmara Municipal de Castelo de Paiva a promoção da região através do turismo sustentável, com foco na natureza, sendo que este é um dos seus vários potenciais. O percurso foi inspirado na tradição vinhateira do Douro, em especial no barco Rabelo que transportava os vinhos do Porto desde o Alto Douro Vinhateiro até às caves na foz do Douro, na cidade do Porto. Além do interesse turístico, com o projetado procura-se certamente trazer uma nova dinâmica ao rio Douro, que ladeia grande parte do território concelhio de Castelo de Paiva, trazendo como consequência a aproximação dos Paivenses ao rio.

Após a tragédia da queda da Ponte de Entre-Os-Rios em 2001, onde dezenas de pessoas perderam familiares, os Paivenses decretaram luto pelos seus e por todos aqueles que faleceram no desastre, e aos poucos a comunidade tenta reaproximar-se e viver novamente o Douro.



Figura 7. Reportagem fotográfica no percurso "Viver O Douro" efetuada pelo autor

#### **2.1.4. Vinho Verde**

Também o vinho poderá definir a zona de Paiva, pois embora não faça parte dos conhecidos percursos do Douro Vinhateiro, Castelo de Paiva é também bom produtor de vinhos, sobretudo de Vinho Verde.

A produção de Vinho Verde tornou-se uma das principais atividades económicas da região, impulsionando o crescimento económico e o reconhecimento dentro e fora do país.

Uma região densa e verdejante, onde predominam os elementos naturais sobre os elementos contruídos e onde a vegetação cresce de forma abundante graças ao clima fresco e solo fértil.

As vinhas são naturalmente presentes nestas áreas, como também é o património arquitetónico ligado às antigas adegas erguidas entre as vinhas ou junto aos rios, que caracterizam esta região demarcada na rota dos vinhos verdes. Os produtores em Castelo de Paiva têm-se dedicado nos últimos anos a aprimorar as técnicas vinícolas e a valorizar as castas locais. Esta dedicação tem resultado na produção de vinhos verdes leves, de alta qualidade, com uma acidez característica e um teor alcoólico moderado. Nesse sentido, e valorizando o potencial de Castelo de Paiva em todas as vertentes que favorecem o concelho, nomeadamente e cada vez mais a vertente turística, todos os anos é realizado no primeiro fim de semana do mês de julho o maior evento do concelho, a “Feira do Vinho Verde, do Lavrador, Gastronomia e Artesanato”, uma forma de dar a conhecer os produtos regionais, os costumes, a gastronomia e principalmente o vinho verde. Nesses dias, todo o tipo de bebidas que é vendido nas mais de 30 barraquinhas ao redor da vila tem por obrigatoriedade de conter o vinho verde da região, e curiosamente este ano surgiu um conceito de gelado de vinho verde que pelo que dizem foi um sucesso. Assim, ano após ano se nota uma evolução a nível de conteúdo, organização e originalidade, pois é um evento que arrasta milhares de turistas ao concelho, principalmente Turistas Espanhóis e caravanistas que se deslocam propositadamente todos os anos nessa data para três dias de festa. “A vida são dois dias, a feira do vinho são três” este é o lema vivido durante o fim de semana.

De forma a dar a conhecer e reforçar a imagem dos vinhos verdes no estrangeiro, o Município levou os seus vinhos à Feira Internacional do Vinho Verde, no Luxemburgo, com o intuito de se promover e reforçar no estrangeiro a imagem de Castelo de Paiva, um concelho que integra a Região dos Vinhos Verdes é através desse tipo de divulgação e investimento que o município tem apostado e o turismo tem vindo a crescer.

Pretende-se trazer ao concelho o destaque que ele merece através da divulgação, no entanto há ainda muito património rico espalhado pelo concelho que infelizmente está esquecido. As minas do Pejão e a Casa da Boavista em Sobrado são exemplo disso, áreas enormes cheias de histórias para contar, com espaços desaproveitados e ao abandono que poderiam ser limpos e restaurados para se converter em espaços museológicos e desta forma simples e ecológica aproveitar o património existente e tirar rentabilidade dele para o próprio concelho (Vinho, Associação de Municípios Portugueses do, 2007).

## 2.2. Rede Hidrográfica



Figura 8. Ilha dos Amores | Fotografia do autor

No que diz respeito a este tema, como escreve a Historiadora Margarida de Pinho (1991), “o próprio rio que a delimita e beija carinhosamente, escorre demorado e lento” (p. 7). Esta é uma região rasgada por cursos de água que se fundem no rio Douro. Castelo de Paiva integra uma rede hidrográfica que percorre praticamente todas as freguesias que integram o concelho, sendo ele delimitado por marcos naturais que fazem a separação de três distritos nomeadamente, Aveiro, Porto e Viseu. A Norte, o Rio Douro faz a separação do território dos concelhos do Marco de Canaveses e Penafiel, pertencentes ao distrito do Porto (Pinho, 1991).

A Nascente, o Rio Paiva, delimita do território do concelho de Cinfães, distrito de Viseu. A Sul há a existência de uma sequência montanhosa, do monte de Santo Adrião que faz fronteira com o concelho de Arouca. A Poente, fica o Rio Arda que delimita a freguesia da Lomba, distrito do Porto (Pinho, 1991).

É no centro dos três distritos e na separação entre o rio Douro e Rio Paiva que se encontra a famosa Ilha dos Amores, agora muito procurada pelos turistas como um marco de Castelo de Paiva. Em virtude da crescente procura turística da região nos últimos anos, o rio Paiva tem

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

vindo a sofrer consequências da poluição e por isso, no ano de 2000, o Governo incluiu o Vale do Paiva na lista dos sítios de Rede Natura 2000.

O rio é também protegido por uma associação de defesa local com a denominação “S.O.S Rio Paiva”. É objetivo desta associação educar, sensibilizar e consciencializar as pessoas para a sua preservação, pois associado à sua beleza natural existe uma enorme biodiversidade que importa deixar para as gerações futuras. Com uma área de 14.562 m<sup>2</sup> e aproximadamente 110 km de extensão, o rio Paiva nasce no Concelho de Moimenta da Beira e desagua em Castelo de Paiva, no lugar do Castelo, local onde se destaca pela singularidade a Ilha dos Amores.



O território Paivense tem uma longa história que remonta à antiguidade, a concluir pelos vestígios encontrados de ocupação humana desde a pré-história (Monterey, 1997).

Esta região, situada nas margens do rio Douro, foi habitada por diferentes povos ao longo dos séculos, deixando um legado cultural e histórico significativo. É a partir do Séc. XI que se começa a criar a verdadeira identidade das Terras de Paiva, inicialmente apenas designado por Paiva (Lima,1999).

Por volta do segundo milenio A.C., a região já era habitada por povos pré-celtas. Mais tarde, durante a Idade do Ferro, os celtas estabeleceram-se em Castelo de Paiva, como o demonstram os vestígios arqueológicos que deixaram da sua cultura e atividade agrícola.

Com a chegada dos romanos à Península Ibérica, na região de Castelo de Paiva atual foram estabelecidas importantes rotas comerciais. Acredita-se que a presença romana tenha deixado um impacto significativo na região, embora ainda haja necessidade de estudos arqueológicos mais aprofundados para compreender plenamente essa influência (Lima, 1999).

A formação do município de Castelo de Paiva como entidade administrativa ocorreu durante a Idade Média. Acredita-se que a sua origem esteja relacionada com a construção de um castelo em meados do século XI, para defender a região das invasões dos mouros, constituindo então uma importante fortificação na fronteira entre os territórios cristãos e muçulmanos.

Nessa época, entre os séculos IX e XI, a região do curso final do rio Douro, incluindo a área onde Castelo de Paiva está localizado, era conhecida como *Anégia*<sup>1</sup>. Era o nome de uma região com organização administrativa e militar específica, que desempenhava um papel estratégico na fronteira entre os territórios cristãos e muçulmanos durante a Reconquista Cristão (Vasconcelos, 1895).

Naquela época, a Península Ibérica estava dividida em diversos reinos cristãos no Norte, encontrando-se o Sul sob domínio muçulmano, conhecido como *Al-Andalus*. A região da *Anégia* estava na linha de fronteira entre essas duas áreas e era alvo de disputas e confrontos frequentes (Lima, 1999).

Para defender e controlar essa linha de fronteira foram construídas fortificações, como castelos e torres de vigia, ao longo do curso do rio Douro, que tinham o propósito de proteger os territórios cristãos. Essas fortificações e a presença militar ajudaram a consolidar a reconquista Cristã na região ao longo dos séculos, avançando gradualmente para o sul, recuperando territórios ocupados pelos muçulmanos (Vasconcelos, 1985).

Com o passar dos séculos, Castelo de Paiva desenvolveu-se principalmente como um centro agrícola, onde a atividade vinícola, em particular, desempenhou um papel importante na economia local. No entanto, a região enfrentou desafios ao longo dos séculos, incluindo conflitos e dificuldades económicas. No século XIX, durante as guerras liberais, Castelo de Paiva sofreu danos consideráveis a todos os níveis, sendo palco de confrontos entre as facções rivais (Vasconcelos, 1985).

---

<sup>1</sup> “O território de *Anégia* está hoje dividido principalmente entre os concelhos de *Penafiel* e *Marco-de-canaveses*, e na parte meridional divide-se entre os concelhos de *Cinfães*, *Castello-de-Paiva* e *Arouca* pertencentes aos distritos beirões de *Aveiro* (*Alaveiro*) e *Viseu*.”  
(Vasconcelos, 1895, p. 195)

Mais tarde, no século XX, a construção das barragens no rio Douro, afetaram a paisagem e fauna local, sobretudo a piscícola, tendo a par um impacto significativo na vida das comunidades ribeirinhas. Apesar dos desafios, Castelo de Paiva mantém uma riqueza cultural e natural notável.

Paiva, é o nome de um dos dois principais rios que percorrem o concelho, um rio de margens agrestes e rochosas que desagua no rio Douro. É no encontro entre ambos que surge a Ilha dos Amores, um local onde se julga ter existido uma fortificação Luso-Romana. Terá sido a partir deste castro, situado junto á foz do rio Paiva, no lugar do Castelo, que surgiu a denominação “Castelo de Paiva”.

*“... é na do dia 4 de março de 1852 que aparece o nome Castelo de Paiva para designar o Concelho” (Pinho, 1991, p. 16).*

Os vestígios arqueológicos são abundantes no concelho, acreditando-se que esteja relacionado com a linha evolutiva da ocupação humana na região. Existem monumentos classificados que são atualmente marcos do concelho, como a Pia dos Mouros, o Túmulo Hispano, a Anta do Vale da Rua, o Pelourinho da Raiva, a Quinta da Boavista, a Quinta da Fisga e o Penedo de Vegide. São elementos que distinguem Castelo de Paiva na rota marcada por regiões que contêm património arqueológico de carácter românico, a conhecida Rota do Românico.

Junto á entrada da Casa da Boavista, a residência dos Condes de Castelo de Paiva, existe um *marmoiral*, “*de pequena elevação, formado por duas pedras sepulcrais, em diferentes planos, sustentadas por cabeceiras de remate discoide, ornadas de cruces latinas na parte exterior e assentes noutra pedra que serve de base*” (Pinho, 1991, p.70).

Ainda que não se saiba ao certo, acredita-se que a função deste monumento de origem românica seja uma sepultura fúnebre. Considerando tratar-se de uma sepultura e a sua localização, junto a caminhos para simbolizar e chamar à atenção de quem passava, tal como acontecia no tempo dos romanos, este local terá sido um ponto de paragem quando se fez o transporte da Rainha D. Mafalda até ao convento de Arouca.

Martinho José Pinto de Meneses e Sousa Melo de Almeida Correia de Miranda Monte-Negro Pamplona de Vasconcelos Pereira de Bulhões, o primeiro Conde de Castelo de Paiva, foi o principal impulsionador de obras no concelho, que ocorreram entre o final do séc. XIX e princípios do século XX, promovendo o desenvolvimento de infraestruturas, como a construção de estradas e da ponte Hintze Ribeiro sobre o rio Douro.

O “Largo do Conde”, o centro do concelho, era antes um pedaço de terra poeirento que, com as operações urbanísticas que o Conde mandou efetuar se tornou num espaço de reunião da população e um ponto central para onde convergem até hoje os principais eixos viários da vila, com edifícios de significado político e religioso. Esta mudança definiu o coração do concelho assistindo-se daí em diante a um fenómeno de expansão em torno deste local.

### 3.1. Exploração Mineira na região - Minas do Pejão

“O sub-solo é ainda rico. Há minas de metais qualidades: uma de antimónio chamada Cabranca, na Raiva, duas de Chumbo no ribeiro de Terramonte e quatro de chumbo e Zinco denominadas Guardunha, Ourães, Ribeiro da Castanheira e Serradelo” (Pinho, 1991, p. 9).

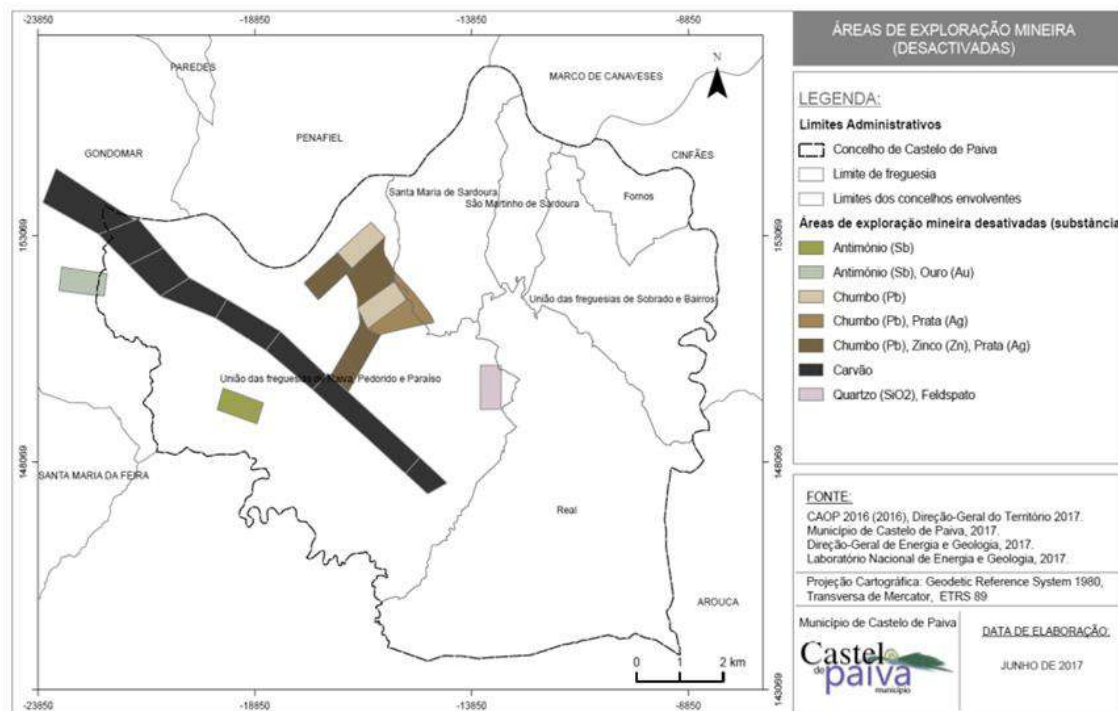


Figura 10. Áreas de exploração Mineira (atualmente desativadas) | Fonte: Câmara Municipal de Castelo de Paiva

Apesar de ainda pouco explorado, Castelo de Paiva é um concelho com bastantes recursos geológicos, em particular do carvão. Integra um território que em tempos foi marcado pela agricultura e exploração de carvão nas Minas do Pejão, ricas em antracite, a atividade económica principal que se dedicava a maior parte da população que ladeava esta região, atualmente denominado de “*União de freguesias de Raiva, Pedorido e Paraíso*”.

Embora atualmente a exploração mineira se encontre desativada, a atividade mineira em Castelo de Paiva trouxe um desenvolvimento económico significativo, que gerou emprego e impulsionou a economia local. No passado as minas empregavam a maior parte da população da atual “*União de freguesias de Raiva, Pedorido, e Paraíso*”, sendo esta a atividade económica que fazia da região a mais desenvolvida do concelho. Porém, com o passar dos anos e devido à concorrência, a atividade mineira na região foi diminuindo gradualmente até ser completamente abandonada. Apesar disso, a história da exploração mineira em Castelo de Paiva deixou um legado importante na região. Os vestígios das antigas minas e as infraestruturas associadas são testemunhos da importância que a atividade teve para o desenvolvimento local.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

A bacia carbonífera do Douro está geograficamente definida ao longo de 26 km, abrangendo os concelhos de Gondomar e Castelo de Paiva. A paisagem agrícola inicialmente dominante passou a assumir uma aparência industrial, através da construção de infraestruturas de suporte às minas, como por exemplo os poços que faziam a ligação ao subsolo, os caminhos de ferro que faziam o transporte, os esgotos, os respiradouros, as edificações habitacionais, as igrejas, os postos médicos, farmácias, fornos comunitários e tantos outros. A paisagem foi assim alterada, construindo-se um novo modelo de urbanização que procurou otimizar a atividade produtiva (Ribeiro, 2017).

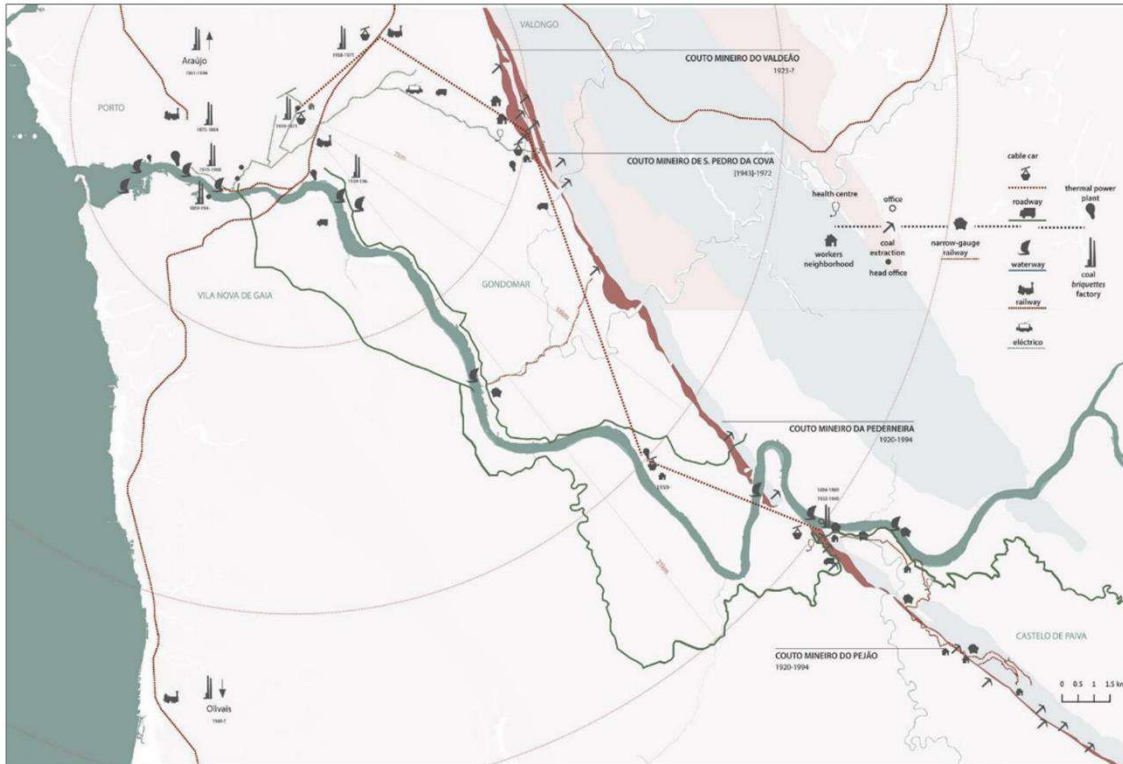


Figura 11. Legado Mineiro da Bacia Carbonífera do Douro | Imagem retirada da Tese existente no endereço do Repositório Aberto da Universidade do Porto: Território de produção energética e património paisagístico. A Bacia Carbonífera do Douro. (up.pt)

Em 1994 encerram-se as minas de extração de carvão e, ao longo dos anos, os edifícios que ficaram ao abandono são transformados em Museus, como o caso de S. Pedro da Cova, onde em 1989 uma das “Casas da Malta” (antigas habitações dos mineiros e respetivas famílias), foi transformada em museu dedicado à atividade mineira. Também a fábrica de briquetes (carvão vegetal) da Empresa Carbonífera do Douro, na cidade do Porto, passou a Museu Nacional da Imprensa, sendo exemplo da preservação de edifícios da época, que estão carregados de histórias e memórias e que foram reestruturados para novos usos de acordo com as necessidades atuais. A história da exploração mineira continua a ser preservada e valorizada como parte da identidade e do património cultural de Castelo de Paiva (Ribeiro, 2017).

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

O projeto mais recente relacionado com o restauro dos edifícios das Minas do Pejão é o *Cavalete do Fojo*. Consiste no reaproveitamento de um dos edifícios pertencentes às Minas do Pejão, que se encontrava já muito destruído devido ao vandalismo e à falta de manutenção. A intervenção por parte da Câmara Municipal de Castelo de Paiva conferiu uma nova vida ao edifício sem lhe retirar as características que o definiam e que o relacionam com a exploração mineira.

É um exemplo de como o município pretende preservar os valores históricos, culturais e paisagísticos da região, valorizando e readaptando o património existente. (Ribeiro, 2017)

As histórias de Castelo de Paiva escondem-se em memórias, ainda que muitas delas com o tempo tenham desaparecido. É o enorme património histórico e paisagístico que faz com que Castelo de Paiva seja reconhecido como um território rico, ainda com muito por contar e desenvolver.



*Figura 12. Cavalete do Fojo | Fonte: Payvaexperience*

### 3.2. Património Cultural

A ADEP (*Associação de estudo e defesa do Património Histórico-Cultural de Castelo de Paiva*) é uma associação sem fins lucrativos fundada em 13/08/1980, sediada em Castelo de Paiva, que tem como objetivo a preservação e divulgação do património e cultura do concelho, possibilitando através do evento a divulgação e potenciação do interesse turístico. Além de outros eventos, esta associação promove a realização de feiras com o objetivo sobretudo de dar a conhecer os antigos ofícios e costumes. Os mais relevantes são os artesãos que trabalham o cobre, fabricando alambiques e peças de decoração, a cestaria, a tecelagem de tapeçarias e peças de linho, a arte da madeira e da pedra de xisto, atividades que se foram mantendo ao longo dos anos, que ainda são referencia no concelho. A história do concelho está diretamente ligada a Martinho Pinto Lencastre de Bulhões, o primeiro Conde de Castelo de Paiva, eternizado em estatua existente no centro da Vila de Castelo de Paiva. Esta zona foi recentemente alvo de remodelação paisagística e aí se encontram os principais pontos de serviços do concelho, um largo ladeado por edifícios de elevado interesse arquitetónico e cultural, como a Igreja Matriz, o chafariz e o edifício da antiga cadeia, atualmente convertido em Posto de Turismo. O Solar da Quinta da Figma, o Solar da Boavista, a Pia de Mouros, o Miradouro de Catapeixe, o Miradouro de S. Gens, o Miradouro de S. Domingos, o Marmoiral de Sobrado, a praia fluvial do choupal, o Portal da Serrada, a Quinta da figa e o Cavalete do Fojo são alguns dos muitos pontos de referência arquitetónicos e paisagísticos que o concelho possui e é pelo património rico, as boas gentes, a gastronomia, as aldeias pitorescas, com características arquitetónicas tradicionais da região, e a riqueza das paisagens que cada vez mais Castelo de Paiva é procurado.



Figura 13. Miradouro de Catapeixe | Fotografias do autor



Figura 14. Aldeias de Xisto de Midões e Gondarém | Fotografia do autor

### 3.3. O lugar do Castelo, Freguesia de Fornos

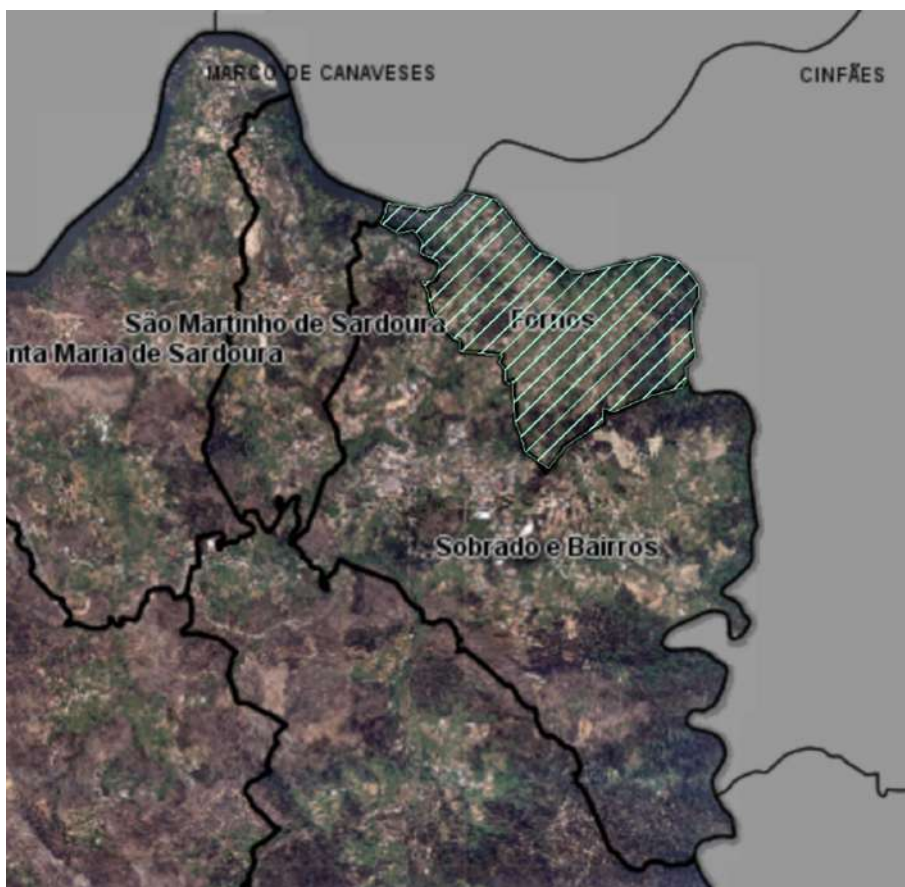


Figura 15. Identificação da Freguesia de Fornos no mapa do concelho | Sistema de informação geográfica de Castelo de Paiva

O lugar onde se situa o projeto em desenvolvimento fica a cerca de 2 km do centro do concelho, na freguesia de Fornos, tendo uma área de 439ha. Situa-se na margem esquerda do Rio Paiva, junto da confluência com o Rio Douro, a cerca de 4 km da “Vila de Paiva”, o centro do concelho.

Fornos é uma freguesia rica em paisagens naturais, banhada por dois rios, a nascente o rio Paiva, que desagua no rio Douro, no lugar do Castelo, localidade marcada por socalcos onde se pensa ter tido origem o nome “Castelo de Paiva”, antes disso apenas designado por “*Payva*”.

O rio Paiva é considerado um dos rios mais limpos da Europa, sendo por isso facilmente relacionado com a pesca como atividade lúdica e a prática de rafting nos percursos mais sinuosos.

Em tempos, a agricultura era a atividade económica dominante, existindo também uma grande parte da população que se dedicava ao transporte de mercadorias nos barcos Rabelos, no rio Douro, desde o cais do Castelo até ao Porto e vice-versa. Os Rabelos eram os barcos que se utilizavam na época para transportar o famoso Vinho do Porto, do Alto Douro vinhateiro até aos cais de Gaia.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

O lugar do Castelo, que outrora se chamava “*Crasto*”, era antigamente um porto fluvial por onde passavam os antigos barcos Rabelo, carregados de mercadorias pela linha de percurso definido pelo Douro, que assim servia todas as “*Terras de Payva*”, Cinfães, e também algumas localidades do concelho de Arouca. O Porto consumia muito dos produtos que aqui eram produzidos, pelo que o porto fluvial do Castelo foi no passado um dos pontos principais para o concelho ao nível do comércio, no escoamento dos produtos agrícolas produzidos, contribuindo decisivamente para a economia da região (Pinho, 1991).

Desde 25/02/2016 que existe uma proposta por parte da Câmara Municipal de Castelo de Paiva intitulada como “*Regeneração Urbana – Uma Visão Estratégica para Castelo de Paiva*”, que consiste na delimitação das Áreas de Reabilitação Urbana (ARU), com o objetivo de reabilitar o edificado e o espaço público. O lugar do Castelo consta em primeiro lugar. Prevê-se assim que o lugar do Castelo seja uma área com forte promoção no futuro, onde atualmente a praia do Castelo e a Ilha dos Amores são duas das principais atrações do concelho (Município, Castelo de Paiva, 2017, p. 13).

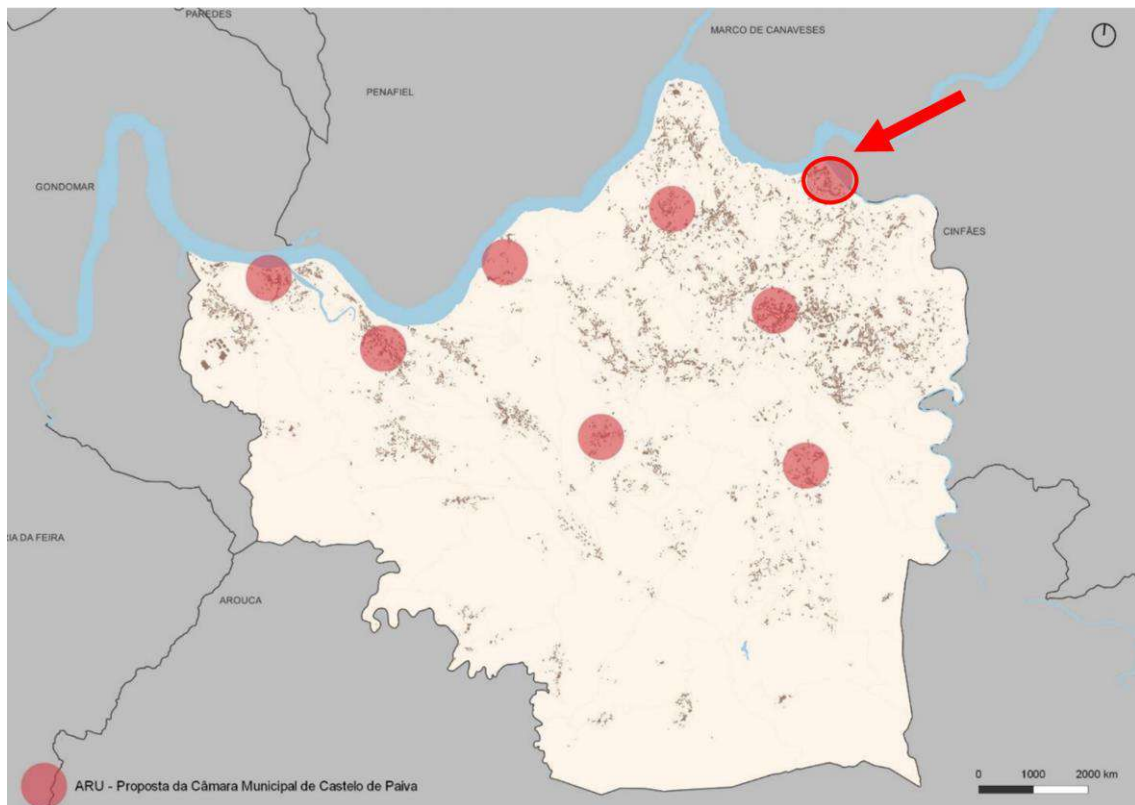


Figura 16. Áreas Integrantes do programa estratégico de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal |  
Fonte: Câmara Municipal

### 3.4. A Ilha dos Amores



Figura 17. Localização geográfica da Ilha dos Amores | Ilustração Filipa Silva

A chamada hoje “*Ilha dos Amores*” é notória pelas suas características naturais e pela sua influência na paisagem, sendo o centro de histórias e lendas que demonstram o misticismo vivido no passado. Tem origem numa espécie de península, um pedaço de terra que já esteve ligado à margem direita do Rio Paiva, onde era possível fazer a travessia a caminhar através do areal e onde antigamente as mulheres do lugar do Castelo lavavam a roupa, só possível então devido ao baixo nível da água (Lima, 2019).

Após a construção da barragem de Crestuma- Lever, com a consequente subida do nível das águas, o pedaço de terra transformou-se numa Ilha.

Situa-se entre os territórios do concelho de Cinfães e de Castelo de Paiva, pertencendo ao primeiro concelho, ainda que a propriedade seja atribuída à edilidade paivense. Antes da construção da barragem de Crestuma e Lever, a agora Ilha dos Amores era unida por terra a Escamarão, território de Cinfães. Por acordo entre os municípios, a 13 de agosto de 1991 deu-se

a aquisição pela edilidade Paivense celebrada por escritura pública, o que ocorreu no Edifício dos Paços do Concelho, atual posto de turismo.

Pelo que rezam as vozes populares, antigamente existia ali uma fortificação ou posto de vigia para alguém importante da zona, havendo também quem diga que no local existia uma mina construída pelos Mouros, com ligação subterrânea à Capela de S. Miguel, existente no lugar de Escamarão, situada já no concelho de Cinfães.

Em virtude dos vestígios arqueológicos encontrados, pensa-se que a ilha já havia sido habitada desde a altura da idade da pedra. Existem também marcas de uma torre defensiva da Idade Média, de onde era possível avistar os três concelhos, no caso Castelo de Paiva, Cinfães e Marco de Canavezes.

Segundo contam os mais antigos, a denominação de *Ilha dos Amores* surgiu por uma lenda de um amor proibido, entre um jovem lavrador e uma fidalga cujos encontros eram controlados pelo pai. Na época eram usuais os casamentos por conveniência, e também esta jovem foi pedida em casamento por um nobre. O jovem lavrador, de coração partido, perdendo a cabeça matou o nobre, atirando o corpo para o rio e escondendo-se na pequena ilha. Decorrido algum tempo foi buscar o amor da sua vida, tendo ambos desaparecido no decorrer de uma tempestade quando faziam a travessia numa pequena embarcação. Dizem as vozes do povo que terá sido o espírito do nobre a vingar a sua morte. A lenda deu origem ao nome Ilha dos Amores (Lima, 2019).

Existe até quem já tenha escolhido este local para se casar, pelo romantismo associado. É atualmente um foco de atração para o concelho de Castelo de Paiva, e é protegido pela edilidade em face da sua singularidade, em função do seu enquadramento paisagístico com os rios Douro e Paiva, a praia fluvial e a piscina municipal. A melhor forma de chegar a esta pequena ilha é através de embarcações de pequeno porte, como as canoas que são disponibilizadas na zona do areal da praia fluvial do Castelo, o que também serve como forma de potencializar os desportos náuticos (Lima, 2019).

O rio sempre teve um papel crucial para o desenvolvimento local. Primeiramente era através dele que se faziam chegar as mercadorias ao concelho, mais tarde com o desenvolvimento e o passar dos anos passou a ser ele o motivo pelo qual as pessoas se deslocam a este local.

Com a construção dos Passadiços do Paiva, no ano de 2015 no concelho de Arouca, aumentou a procura turística pela região e a falta de resposta pela insuficiência de infraestruturas, fez com que os turistas tivessem de se alojar nas localidades próximas, o que foi aproveitado por Castelo de Paiva. A falta de infraestruturas em Arouca gerou um fenómeno de procura de alojamento em Castelo de Paiva, a quem foram de início associados os passadiços.

Acredita-se que através do aproveitamento da beleza natural e do património cultural e geológico, é possível tornar a região num produto, desenvolve-se assim a economia. O espírito de empreendedorismo da gente Paivense tem-se vindo a notar nos últimos anos com a criação de alojamentos locais espalhados por todo o concelho, com a promoção da gastronomia local e da doçaria, levando à criação de novos postos de trabalho. E é neste sentido que se pretende desenvolver a proposta de alojamento no antigo armazém de vinho verde.

O lugar do Castelo, além da proximidade com os Passadiços, também possui um foco de grande beleza natural – *A ilha dos amores*. É, porém, aceite que não existam atualmente

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

infraestruturas suficientemente capazes para dar resposta à procura, nomeadamente na altura do verão.

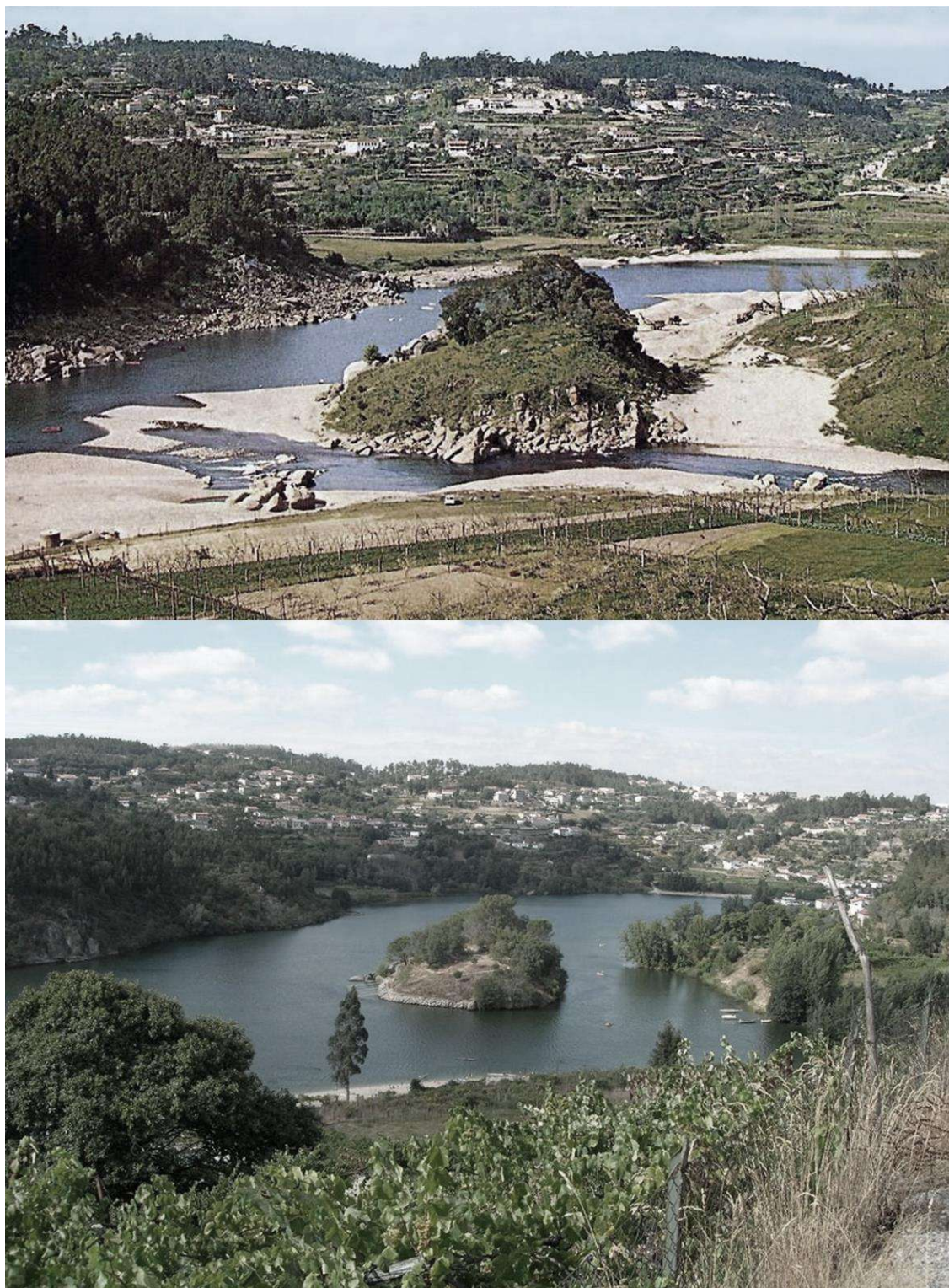


Figura 18. Ilha dos amores antes e após a construção da barragem | Fonte: Facebook “monumentos desaparecidos”

## Capítulo II

*“A obra arquitetónica, por ser uma arte eminentemente utilitária, necessita ser continuamente usada para sobreviver. As ruínas, em sua maioria, são testemunhos de edifícios que ficaram ociosos. A readaptação é uma das soluções para preservar a obra de arquitetura de valor cultural, mas ela deve atender à vocação específica da tipologia arquitetónica a que pertence o monumento.”*

(Lyra, 2006, p. 53)

## 4. Evolução do conceito de restauro

Com o passar do tempo, os monumentos sofrem consequências devido a vários fatores que alteram o seu estado de conservação, sendo exemplo disso as condições atmosféricas e o uso que as gerações lhes atribuem ano após ano. O restauro é a arte de repor algo que perdeu as suas qualidades originais quando em bom estado, no entanto este conceito foi sofrendo alterações ao longo dos anos, com mais intensidade a partir do século XIX.

Desde sempre que o Homem teve a necessidade de conservar os objetos que lhe eram úteis. Inicialmente a prioridade não passava por preservar testemunhos históricos, mas sim por reparar algo que deixou de cumprir as suas funções originais, e, se necessário, alterar consoante as necessidades.

Edifícios antigos, em ruínas ou em bom estado de conservação foram reutilizados para novas funções devido a alterações políticas ou religiosas.

Foi exemplo disso a difusão no passado do Cristianismo em território nacional, que requereu a adaptação de edifícios às exigências da nova religião, como é o caso da antiga mesquita de Mértola que atualmente é uma Igreja Matriz, uma edificação erigida pelos árabes durante a época em que permaneceram em território português, alvo de alterações para adaptação do culto cristão (Blanco, 2008).

Antes da revolução industrial os edifícios demoravam muitos anos a ser construídos. Com o passar de gerações eram adaptados e ampliados de acordo com os gostos e estilos das épocas por que passavam. Um exemplo disso em Portugal foi o Mosteiro da Batalha, uma construção monumental e representativa do estilo gótico, mandando construir por D. João I, cuja construção se prolongou até ao reinado de D. João III, onde já se construía em estilo Manuelino. Com o passar dos anos o edifício foi alvo de vários episódios que contribuíram para a sua deterioração, nomeadamente os provocados por terramotos e batalhas, designadamente as relacionadas com as invasões de Napoleão, ocorridas no início do século XIX. Em 1840, sob o cuidado do Rei consorte D. Fernando II e a responsabilidade do Engenheiro Mouzinho de Albuquerque, iniciaram-se novas obras de restauro, onde se passou a olhar para o edifício como memorial ou monumento de carácter religioso, apagando-se vestígios que diziam respeito a reformas ocorridas no século XVI, adotando-se estilos medievais em detrimento da arquitetura de outras épocas (Langer, 1999).

O Renascimento<sup>2</sup> foi um movimento cultural e artístico que surgiu em Itália em meados do século XIV, caracterizado pelo interesse pela cultura da antiguidade clássica (sobretudo romana), e que se considera ser a primeira etapa da história ocidental em que se adotaram algumas medidas para tentar recuperar e conservar testemunhos daquele tempo. O gosto pela história e pela literatura na população burguesa fomenta uma cultura inspirada nos ideais do mundo clássico, que assim se diferencia do período cultural que a precedeu. A análise dos

---

<sup>2</sup> “A maioria dos especialistas considera o Renascimento como o período em que foram criadas as raízes modernas do método arqueológico” (Langer, 1999, p. 96).

escritos, desenhos e ruínas romanas conferiu aos artistas do século XV o conhecimento do equilíbrio clássico da forma e, a par da afirmação da figura do autor de projeto, possibilitou uma mudança de paradigma em arquitetura.

Cientificamente, o interesse pelos monumentos antigos desenvolveu-se em meados do século XVIII, quando surge a curiosidade e o interesse pelas descobertas arqueológicas de Pompeia e de Herculano, que começaram a ser escavadas em 1738-1748, respetivamente. Com estas escavações o interesse pela cultura e arte antiga cresce, sendo nesta época que surgem os primeiros museus, mais ou menos com o conceito atual (Langer, 1999).

No campo científico, foi decisiva a intervenção de Johann Joachim Winckelmann, o primeiro helenista a estabelecer distinções entre a arte grega, greco-romana e romana, o que viria a ser fundamental para o surgimento do neoclassicismo do século XVIII. Foi um dos primeiros estudiosos a dedicar-se a uma análise sistemática da arte antiga, que marcou a história da evolução do conceito de restauro através do seu livro "Geschichte der Kunst des Alterthums" (História da Arte dos Antigos), escrito em 1764. Esta obra representa um marco importante na história da arte e do restauro, com uma visão influente sobre a arte da Antiguidade Clássica. No livro, enfatizou a importância de respeitar e preservar a autenticidade das obras de arte antigas, propondo que a restauração deveria salvaguardar a reconstrução do estado original dos objetos, onde examina as diferentes formas de arte produzidas nas antigas civilizações grega e romana, desde os primórdios até ao declínio dessas civilizações (Choay, 2000).

Uma das contribuições mais significativas de Winckelmann foi a introdução do conceito de "*bela forma*" (schöne Form) como um critério de apreciação artística. Ele argumentava que a arte grega antiga representava o padrão ideal de beleza, caracterizado por proporções harmoniosas e expressões serenas, defendendo a imitação da arte grega como uma forma de elevar a cultura e a estética (Winckelmann, 2006).

Após a Revolução Francesa de 1789, que segundo alguns historiadores marca o início da Idade Contemporânea (Vovelle, 1789-1799), procura-se definir critérios de intervenção e estabelecer uma forma de atuar sobre os edifícios. Com o vandalismo, a degradação e o desaparecimento de monumentos, surge a necessidade de promover o interesse público pelos monumentos e a sua salvaguarda. É a partir dessa ocasião que surge a discussão sobre a metodologia da conservação e o restauro. (Vovelle, 1789-1799),

Ludovic Vitet, o primeiro inspetor geral dos monumentos históricos em França, defendia que o arquiteto, além dos seus conhecimentos de História da Arte, devia ser capaz de proceder ao levantamento arqueológico do edifício, para a sua reconstrução a partir das ruínas. Esta premissa era uma necessidade sentida na sequência de perdas anteriores. No entanto, Prosper Merimée, o seu sucessor, jovem literário e historiador, defendia que não sendo possível conhecer o passado dos edifícios se copiassem partes de outros com o intuito de proceder ao seu levantamento.

O conceito de restauro surge em Itália no início do século XX, com uma geração de arquitetos preocupados com a defesa da conservação e reparação dos edifícios de modo a preservar os valores históricos e artísticos do monumento, com base nos princípios do arquiteto Camillo Boito, que defendia a ideia de intervenção a nível intermédio. Em resumo, Boito defendia que os

edifícios deviam ter manutenção ao longo do tempo, para evitar tanto quanto possível o restauro, devendo este apenas ocorrer apenas quando necessário e de forma que se garantisse a diferenciação entre a obra antiga e a moderna (Luso, 2004).

Mais tarde, em 1931, outro documento-chave que ajudou a moldar o conceito de restauro foi a "Carta de Atenas", proclamada durante o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Essa carta estabeleceu princípios para a conservação e restauração de monumentos históricos e enfatizava a importância da autenticidade e do respeito pela história e pela cultura das edificações. No entanto, a "Carta de Atenas" também recebeu depois críticas, por dar um ênfase excessivo na autenticidade e por não considerar as transformações e adaptações necessárias (Choay, 2000).

Em 1964, foi elaborada a "Carta de Veneza" pela International Council on Monuments and Sites (ICOMOS), que se tornou numa referência fundamental para a teoria e a prática do restauro, que procurava encontrar um equilíbrio entre a conservação e a adaptação dos monumentos históricos, reconhecendo a importância da preservação da autenticidade, mas também a necessidade de permitir intervenções contemporâneas quando justificadas.

Mais tarde, já em 2000, a "Carta de Cracóvia" foi estabelecida durante o Congresso Internacional de Arquitetos Paisagistas e enfatizava a necessidade de considerar o valor social e cultural dos lugares, além de sua importância histórica e artística. Ela destaca a importância da participação da comunidade e da abordagem holística na preservação e no restauro do patrimônio cultural, que no livro a autora aborda estes temas de forma crítica. (Choay, 2000).

#### 4.1. A teoria do restauro segundo Eugène Viollet-Le-Duc



Figura 19. Eugène Viollet-Le-Duc | Fonte Archdaily

Nascido em Paris em 1814, foi arquiteto, desenhador, escritor, crítico e historiador de arte arquitetônica, desenvolvendo o seu trabalho ao longo da sua vida na área do restauro de catedrais e castelos medievais. Foi um dos primeiros a preocupar-se com a preservação do património histórico.

Para ele, o estilo é a manifestação de um ideal, que se fundamenta num princípio e é sobre essa base que cada edifício deve ser restaurado, não só na aparência, mas também na própria estrutura, de forma a restituir o edifício ao seu estado puro. Embora não tenha aplicado essa regra em todos os seus trabalhos, marcou a diferença nos seus restauros com invenções e decorações altamente criativas para a época.

As suas ideias foram seguidas na Europa do séc. XIX ao séc. XX. Além das suas obras de restauro emblemáticas, ficou bastante conhecido por ter criado o seu próprio dicionário de Arquitetura Francesa, onde expôs as suas ideias sobre o conceito de restauro e onde escreveu uma famosa frase que ficou na história da Arquitetura<sup>3</sup>.

Embora tenham surgido na época várias críticas aos seus ideais, por parte de outros filósofos, o dicionário de Viollet-Le-Duc foi uma obra mundialmente conhecida no mundo da arquitetura e é estudada até aos dias de hoje (Oliveira, 2008).

A frase de Viollet -Le duc<sup>4</sup> marca uma clara distinção entre a sua atitude e a de Ruskin. A citação ressalta a visão de Viollet-le-Duc de que a restauração não consiste apenas em preservar

---

<sup>3</sup> “restaurar um edificio não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento”

<sup>4</sup> RESTAURATION, s. f. Le mot et la chose sont modernes. Restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c'est le rétablir dans un état complet qui peut n'avoir jamais existé à un moment donné. Ce n'est qu'à dater du second quart de notre siècle qu'on a prétendu restaurer des édifices d'un autre âge, et nous ne sachions pas qu'on ait défini nettement la restauration architectonique. Peut-être est-il opportun de se rendre un compte exact de ce qu'on entend ou de ce qu'on doit entendre par une restauration, car il semble que des équivoques nombreuses se sont glissées sur le sens que l'on attache ou que l'on doit attacher à cette opération.” (Viollet-Le-Duc, 1858, p. Vol.8)

ou reparar um edifício, mas sim em recuperá-lo para um estado completo, mesmo que esse estado não tenha existido em nenhum momento. Isso reflete a ideia de Viollet-le-Duc de que a restauração deve procurar um estado ideal do edifício.

No livro de Françoise Choay (2000), a autora explora a evolução das teorias e práticas de conservação e restauro ao longo do tempo, abordando as perspectivas de Viollet-le-Duc e Ruskin. Questiona a ideia de que a restauração pode ou deve ser recriada de forma fiel, argumentando que a história e a autenticidade não podem ser totalmente recuperadas.

Ao longo do livro, a autora apresenta uma abordagem crítica das ideias de Viollet-le-Duc, ressaltando a importância do contexto histórico e social na interpretação e preservação do património. No livro destaca que Viollet-le-Duc representava uma abordagem mais intervencionista e criativa, que procurava recriar um estado ideal do edifício, enquanto Ruskin defendia uma abordagem mais conservadora, preservando a autenticidade e a integridade histórica (Choay, 2000).

#### **4.2. Teoria do restauro segundo John Ruskin**



Figura 20. John Ruskin | Fonte: *Britannica*

Nascido em 1819 em Londres, John Ruskin, foi um influente crítico de arte e escritor britânico que desenvolveu uma teoria do restauro que difere das abordagens da sua época.

A teoria de Ruskin foi apresentada no seu livro "As Sete Lâmpadas da Arquitetura" e defende ideias opostas às de Violet Le Duc. Para Ruskin, o trabalho dos construtores e artifices da época era um valor primordial a respeitar. Aos acrescentos das novas épocas chamava de mentiras arquitetónicas, pois acreditava que preservar a arquitetura do passado como forma de expressão de arte e cultura permitiria entender a relação existente entre os estilos arquitetónicos e as técnicas construtivas que resultam de determinada cultura (Oliveira, 2008).

Defendia que o restauro de uma obra de arte ou edifício deveria respeitar a idade e o valor histórico.

Ele acreditava que as marcas do tempo e os vestígios de degradação e do desgaste eram essenciais para a compreensão e apreciação da obra na sua totalidade. Para Ruskin, apagar essas marcas através do restauro seria negar a história e a autenticidade do objeto. Valorizava a integridade dos materiais e enfatizava a importância de distinguir de forma clara qualquer substituição ou reparo do trabalho feito originalmente.

Ao estudar os ideais de Ruskin, percebe-se que a sua preocupação em preservar a autenticidade histórica das obras de arte e edifícios era constante. Esses princípios são essenciais para manter viva a memória e a identidade das estruturas ao longo do tempo, garantindo a sua preservação para as gerações futuras, cuja conservação cuidada e a manutenção adequada eram medidas fundamentais para preservar uma obra de arte ou edifício. Ele relevava a importância de evitar o estado de degradação dos edifícios através de ações preventivas, e as alterações feitas deveriam ser documentadas e executadas de forma a permitir que fossem desfeitas no futuro, caso fosse necessário. Ele acreditava que os futuros estudiosos e restauradores deveriam ter a capacidade de reavaliar o trabalho anterior e tomar decisões com base nas informações disponíveis.

Honestidade no Material: Ruskin valorizava a honestidade no uso dos materiais durante o restauro. Ele acreditava que qualquer substituição ou reparação devia ser claramente distinto do trabalho original, evitando a falsa aparência de autenticidade. Ele defendia que os materiais modernos ou intervenções deveriam ser claramente identificáveis como tais, para não haver engano sobre a história do objeto. (Choay, 2000)

Em resumo, a teoria do restauro de John Ruskin enfatizava o respeito pela idade, a conservação preventiva, a reversibilidade das intervenções e a honestidade no uso dos materiais. A sua atitude desafiou as ideias predominantes do seu tempo, que muitas vezes pretendiam um restauro que devolvesse a obra ao seu estado original, apagando vestígios do tempo e da história. Para ele, manter vivo o testemunho do passado possibilita a melhor identificação dos marcos referenciais de identidade e memória da época. Ou seja, entendia que o edifício estabelecia um compromisso social entre o presente e gerações futuras, que deveria ser preservado de acordo com a construção da sua época para que fossem capazes de atravessar diferentes épocas de forma intocável, envelhecendo segundo o seu destino natural, permitindo-se algumas intervenções para evitar a queda prematura das edificações se essas respeitassem os seus ideais e características semelhantes à época da sua construção (Choay, 2000).

O edifício para Ruskin deveria manter-se intacto, livre de alterações para preservação e valorização da época da sua construção.

Tudo que acima se descreveu, sobre a evolução do conceito do restauro é retratada no livro "Alegoria do Património", escrito por Françoise Choay (2000), uma historiadora francesa que investiga e analisa as diferentes influências, destacando as contradições, os desafios e as mudanças da perspectiva do conceito de restauro ao longo do tempo.

O livro oferece uma compreensão do conceito de restauro muito clara, considerando as influências históricas e os documentos que moldaram o seu desenvolvimento, como os livros de Winckelmann, a "Carta de Atenas", a "Carta de Veneza" e a "Carta de Cracóvia"

Inicialmente, o conceito de restauro estava relacionado com a ideia de preservar e recuperar a autenticidade das obras de arte e dos monumentos históricos, e com o objetivo de recuperar o seu estado original, removendo quaisquer acréscimos posteriores ou danos causados pelo tempo. Esse enfoque tradicional do restauro foi amplamente influenciado pela abordagem histórico-artística, com intenção de recuperar o "espírito" do lugar ou objeto.

Choay destaca que, ao longo do século XIX, houve uma mudança significativa no conceito do restauro, com o surgimento da arqueologia e das disciplinas científicas, passando a haver uma maior valorização da história e da contextualização das obras e dos monumentos, passando o restauro a ser orientado pela ideia de preservar e interpretar as camadas históricas, permitindo que cada período deixe a sua marca na obra. Esse movimento trouxe uma nova perspectiva para o restauro, considerando a necessidade de preservar não apenas o objeto em si, mas também o seu valor histórico, artístico e social. O foco do conceito centrou-se na preservação dos testemunhos materiais do passado e na valorização da memória coletiva.

Relativamente ao conceito atual, Choay (2000) questiona a noção de autenticidade e os desafios impostos pela contemporaneidade, como a necessidade de adaptar edifícios históricos às funcionalidades atuais, levando a autora a argumentar que o restauro contemporâneo precisa de equilibrar a conservação do património com a capacidade de reinterpretá-lo, permitindo a integração de elementos contemporâneos sem comprometer a sua integridade histórica.

Em resumo, o livro "Alegoria do Património", oferece uma análise profunda da evolução do conceito de restauro ao longo da história e é uma obra fundamental para compreender as complexidades e desafios enfrentados na prática do restauro e na preservação do património cultural (Choay, 2000).

A título de conclusão, pode-se aferir que o conceito de restauro passou por várias transformações, que se refletem em mudanças nas atitudes em relação à conservação e preservação do património cultural.

No passado, o restauro era frequentemente realizado com o objetivo de devolver uma obra de arte ou edifício ao seu estado original, muitas vezes levando à substituição de partes danificadas ou desgastadas. Essa abordagem enfatizava a autenticidade histórica e a estética original do edifício, caracterizava o restauro como recuperação dos objetos, não só pelas suas funções, mas também pela espiritualidade que os próprios representavam.

No século XIX surgiu uma abordagem mais documentada e científica do restauro, conhecida como "restauro histórico", em que os restauradores começaram a estudar e a documentar a história da obra ou edifício, com a preocupação em preservar não apenas a sua aparência original, mas também a história e as alterações subsequentes que ocorreram ao longo do tempo. No século XX, houve uma mudança significativa em direção ao chamado "restauro crítico" ou "restauro de valorização". Essa abordagem enfatizava a importância do respeito quanto à autenticidade e à integridade do objeto, mas também reconhecia a validade das camadas históricas posteriores. O objetivo era equilibrar a preservação do passado com a necessidade de garantir que as obras continuassem a ser relevantes e utilizáveis no presente.

Atualmente, existe uma preocupação crescente com a sustentabilidade e o impacto ambiental que tem vindo a influenciar o conceito do restauro, em que a arquitetura procura encontrar práticas mais sustentáveis, como o uso de materiais de baixo impacto e abordagens de restauração readaptada dos edifícios que levam em consideração as necessidades atuais, aliadas à herança cultural.

É importante relevar que a evolução do conceito de restauro é um processo contínuo e dinâmico, que reflete as perspetivas culturais, sociais e científicas ao longo dos tempos. No fundo, hoje os edifícios ao abandono ou em mau estado de conservação são restaurados de acordo com a nova função que irão desempenhar, marcando uma nova forma de definição do conceito.

*“Património histórico. A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos” (Choay, 2000, p.11)*

## 5. Readaptação da Arquitetura para novos usos

*“A readaptação, na maioria dos casos, porém, é a condição para sobrevivência do edifício quando a sua função original desaparece ou quando as características da sua arquitetura já não satisfazem mais as necessidades e as exigências da sociedade. A história da arquitetura é uma história de substituições e a maioria dos edifícios que sobreviveram às mudanças sociais correspondem àqueles que passaram por adaptações” (Lyra, 2006, p.56).*

A readaptação da arquitetura para novos usos é uma prática que procura transformar edifícios existentes, muitas vezes ao abandono. Essa abordagem valoriza a preservação do património arquitetónico e ao mesmo tempo promove a sustentabilidade e o uso eficiente dos recursos disponíveis. Sabe-se que não é possível fazer o reaproveitamento de todos os edifícios mantendo-se a necessidade da construção de raiz para responder a novas circunstâncias, assim, é imprescindível a observação das edificações envolventes, da malha urbana em que se inserem e do contexto histórico para se tomarem as melhores opções sobre a estratégia a tomar nas intervenções sobre edifícios existentes. É importante considerar a preservação dos elementos arquitetónicos que distinguem o edifício e ao mesmo tempo chegar-se a uma conclusão que corresponda às necessidades da nova função.

A recuperação, com mudanças de função, contribui para a preservação de uma memória total ou parcial do edifício, intervindo o projeto de arquitetura ao nível do existente, possibilitando a reutilização da estrutura inicial de forma a se fazer a adaptação a novos interesses ou necessidades. Embora a intenção deste tipo de intervenção seja essencialmente a preservação do construído, ainda que muitas vezes sejam necessários reforços estruturais, é também indispensável a realização de obras capazes de satisfazer as necessidades atuais, mantendo o foco principal em garantir que as antigas estruturas e as novas se conjuguem de forma a dar um maior significado ao edifício restaurado. Além da preservação ser uma forma de garantir a memória, a história, a cultura e o património, também a sustentabilidade é uma preocupação a ter neste tipo de intervenção procurando reduzir o dispêndio de energia e a produção de resíduos, o que conduz também a menores custos. A readaptação dos espaços permite uma regeneração não só do próprio edifício, mas também da própria zona em que se insere.

*“Toda a política de preservação do património deve assim considerar que, independentemente do interesse científico de um determinado sítio, o seu valor patrimonial decorre da relação deste primeiro com o seu interesse turístico, pelo que o chamado desenvolvimento sustentado não pode deixar de considerar e avaliar o confronto entre os primeiros valores, que são de natureza cultural e científico, com os segundos, que correspondem às realidades sociais e económicas da região” (Alarcão, 2019, p. 17).*

## 5.1. Arquitetura de Lacaton e Vassal

Falar da reutilização de edifícios é falar dos Arquitetos Anne Lacaton e Jean-Phillipe Vassal, dois arquitetos franceses que têm como objetivo principal “*nunca demolir*”, acreditando que há sempre algo mais a fazer com o existente, aliando a sustentabilidade, o bem-estar, responsabilidade social e o respeito pelo contruído.

Em 1987 os dois arquitetos constituíram a *Lacaton & Vassal*, tendo como foco a construção de baixo custo, aliando a sustentabilidade e o ambiente. A doutrina praticada e divulgada por estes arquitetos tem influência africana, mais propriamente no Níger, onde Vassal estudou planeamento urbano e se viu confrontado com um tipo de arquitetura completamente diferente da que estava habituado e que havia estudado na *École Nationale Supérieure d'Architecture et Paysage de Bordeaux*. Foi através desse choque que o levou a considerar a atenção nos pequenos detalhes e a integrar a humildade na poupança dos recursos materiais (Pleno, 2018).

Lacaton e Vassal visitavam com frequência o Níger e foi lá que ambos colocaram em prática o seu primeiro projeto em conjunto, um lugar onde ambos aprenderam a fazer arquitetura “com quase nada”, fazendo o aproveitamento dos recursos da natureza, construindo uma cabana de palha conjugação materiais naturais locais. Foi a partir dali que idealizaram nunca demolir o que poderia ser aproveitado, propondo a contrário novas possibilidades ao edificado.

Moldados pela experiência de África, a dupla explora o conceito nómada, preocupando-se em desenvolver os projetos de dentro para fora, tentando estudar e compreender as pessoas que habitam esses espaços e o modo como se sentem dentro dos edifícios, para assim depois definirem o exterior. Olham para a arquitetura como uma forma de transformar a vida e não como forma de criar um edifício brutalmente bonito, atual e moderno (Pleno, 2018).

Quando se observam os projetos de Anne Lacaton & Jean-Philippe Vassal, verifica-se que há um conjunto de princípios que lhes é comum, nomeadamente a funcionalidade e adequação dos espaços aos seus usos. Esta prática faz acreditar que o valor que é usado para a demolição e reconstrução poderá ser usado de forma mais eficiente para a conservação e manutenção de edifícios existentes, o que conduz a uma melhor sustentabilidade. Sendo a demolição um desperdício e um transtorno ambiental, o novo e o antigo possuem para os autores linguagens muito distintas, onde o acumular de novas camadas ao longo do tempo é mais importante que apagar ou preservar o passado (Pleno, 2018).

Por isso, consideram que os edifícios devem ser vistos como “o objeto em si” não cabendo à época atual a decisão dos elementos da história que se pretende manter e aqueles que devem ser anulados, dando a possibilidade aos arquitetos contemporâneos de reinterpretarem os edifícios existentes, adequando-os às suas novas funcionalidades. Projetos que partem da construção já existente, usando sistemas estruturais tradicionais, com betão e aço à vista com a finalidade de proporcionar leveza e transparência, têm como objetivo melhorar o conforto e bem-estar daqueles que vão habitar o espaço em construção. O funcionalismo por Lacaton e Vassal é visto na relação entre o mínimo, o necessário e o supérfluo ou meramente estético, uma atitude que foi traduzida pelo lema “*a forma segue a função*”, proferido em 1896 no texto “The Tall Office

"Building Artistically Considered" publicado na *Lippincott`s Magazine* de Abril por Louis Sullivan (Sullivan, 1896).



Figura 21. Palais de Tokyo em Paris | Fonte: lacatonvassal.com



Figura 22. Tour Bois-Le-Prêtre | Fonte lacatonvassal.com

Tendo em conta que nas últimas décadas se tem vivido uma decadência no modo em como vivemos e utilizamos os recursos, as práticas utilizadas pelos arquitetos demonstram uma forma mais correta de atuar num mundo contemporâneo, através do uso de uma arquitetura mais pensada, que procura definir o potencial do edificado existente através do reaproveitamento desses espaços para novas utilizações, evitando a demolição de um património e aproveitando materiais locais.

Uma constante nos projetos de Lacaton e Vassal é a criação de espaços generosos e flexíveis, proporcionando o máximo de conforto e qualidade de vida às pessoas. A ampliação do espaço habitável, a otimização dos espaços com luz natural, a melhoria da ventilação e a criação de áreas de convivência agradáveis, com o objetivo de enfatizar a importância do bem-estar dos

ocupantes, são aspetos reveladores da preocupação dos arquitetos em criar espaços que inspirem e melhorem a qualidade de vida das pessoas (Pleno, 2018).

Esses princípios de Lacaton e Vassal relacionam-se com a ideia de preservar a identidade e a memória dos edifícios, enquanto os transformam para usos que correspondam às necessidades contemporâneas. As suas obras arquitetónicas, como são os exemplos da renovação do “Palais de Tokyo” e o projeto de habitação social “Tour Bois le Prêtre” em Paris, são a prova de como a readaptação arquitetónica pode ser realizada de maneira inovadora e sustentável.

Assim, a abordagem de Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal contribui para o enriquecimento da história e o desenvolvimento da readaptação da arquitetura, enfatizando a importância de preservar, transformar e melhorar os edifícios existentes para criar espaços urbanos mais sustentáveis, generosos e adaptados às necessidades contemporâneas.

## **5.2. Casos de estudo**

As funções e as necessidades mudam ao longo do tempo e em consequência são necessárias readaptações de modo a cumprir os novos requisitos ou objetivos. O reaproveitamento do edificado construído traz enormes vantagens a nível económico e ecológico, pretendendo-se por isso estudar as formas de fazer o melhor aproveitamento prático. Através da ferramenta do desenho o arquiteto determina a reorganização dos espaços e é através do espaço interior que se define muitas das vezes o resultado do projeto. Pelo facto o estudo de outros projetos de reaproveitamento do existente foi de extrema importância para a parte prática deste projeto de dissertação.

Por isso neste capítulo pretende-se aprofundar o conhecimento no que diz respeito a projetos tipo, para que a abordagem local ao projeto que se pretende propor na antiga adega de vinhos verdes do lugar do Castelo, seja a mais coerente e adequada.

Foram escolhidos alguns projetos semelhantes, tendo em conta o objetivo desta dissertação que correspondem ao tipo de edifícios volumetricamente sem graça ou sem grande dinâmica por estarem inseridos entre outros edifícios, com pé direito alto e sem grandes aberturas de luz, passando a ser atribuída outra função ou uso com as alterações arquitetónicas necessárias, não esquecendo a memória do passado acrescentando pormenores e traça da atualidade.

### 5.2.1. Casa em Barcelona - Cadaval e Solà-Morales

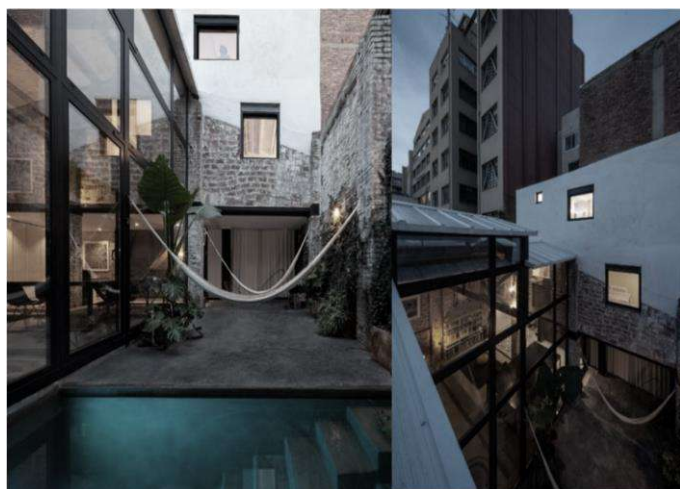


Figura 23. Exterior da Casa em Barcelona | Fonte: Archdaily

A Casa em Barcelona, projetada por Cadaval & Solà-Morales, é um exemplo notável da arquitetura contemporânea em Espanha.

Este escritório de arquitetura, com sede no México e em Espanha, liderado pelos arquitetos Eduardo Cadaval e Clara Solà-Morales, aborda temas inovadores nos seus projetos tal como a preocupação com a sustentabilidade.

O edifício é um antigo teatro do Séc. XIX, situado numa das principais avenidas de Barcelona, que à semelhança do objeto edificado da presente dissertação teve outras funções, servindo no passado também como armazém.

No ano de 2019 foi convertido para residência, através de um projeto desenvolvido de forma a criar um espaço habitacional agradável, num terreno estreito e longo, em que uma das características mais marcantes é a forma como o edificado se adapta à topografia do terreno. Um dos objetivos do projeto foi manter os valores construtivos da primeira função, a de teatro, explorando a vantagem do pé direito de forma a construir sem afetar o existente. A inclinação da edificação existente é aproveitada para criar diferentes pisos e espaços, permitindo uma conexão fluida entre os ambientes internos e externos, que cria uma sensação de continuidade e amplia a percepção do espaço.



Figura 24. Interior da casa em Barcelona | Fonte: Archdaily

Com uma área de 330m<sup>2</sup>, o novo espaço projetado pelos arquitetos recebeu o nome de “The Theatre”, como forma de homenagear a sua antiga função. O novo espaço é definido por dois estúdios nas laterais do antigo teatro, onde a parte central tem a função de distribuição e organização da entrada da habitação. As características originais do projeto foram mantidas, e é nas estruturas de madeira, metal e tijolo preservados, que se nota a intenção de distinção entre o velho e o novo.

A luz natural desempenha um papel fundamental no projeto, com aberturas estrategicamente posicionadas para maximizar a entrada de luz durante o dia. A fachada da Casa em Barcelona é uma combinação de betão aparente e vidro, que cria uma harmonia contemporânea e elegante. Foi criado um mezanino que faz aproveitamento do pé direito duplo, com cozinha e casa de banho no piso inferior. O centro do edifício, pensado como o “coração da casa”, dividindo e organizando o teatro, é um espaço de museu, pensado para posicionar um carro clássico que funciona como peça que faz a relação entre o passado e o presente, um espaço com pé direito duplo, que contém sala e cozinha em espaço aberto e um pátio. Parte do telhado foi removido para dar mais abertura e iluminação natural, sendo possível criar assim um espaço ao ar livre, de churrasco, rodeado por vegetação, aliado a uma piscina que serve de espelho de água para o Teatro, onde intenção foi certamente trazer leveza ao espaço, não sendo este um edifício de grandes dimensões. Foi mantido tanto quanto possível o que existia do Teatro, reforçando e restaurando as paredes existentes, e os elementos arquitetónicos adicionados pelos arquitetos não afetaram a obra original.

O espaço foi reutilizado de acordo com as necessidades atuais sem afetar o passado do edifício. As madeiras, o tabique, o aço e a pedra foram os materiais utilizados no projeto, de forma a tornar o espaço acolhedor, com dificuldades à partida por contemplar um pé direito duplo e grandes dimensões. A madeira, o tabique, o aço, a pedra e o tijolo são materiais característicos da arquitetura industrial, que no caso serviu para fazer a ponte entre o passado e o presente, preservando a memória das antigas funções e servindo as necessidades atuais.

O projeto demonstra como é possível criar espaços contemporâneos, funcionais e esteticamente agradáveis, mantendo a traça original e a contemporaneidade atual mesmo em contextos urbanos delineados.

### **5.2.2. Armazém de ferro convertido a habitação de luxo, Porto - Arquitetos Pedra Líquida**



Figura 25. Exterior do Armazém de Ferro | Fonte pedraliquida.com

Este projeto de 2016, projetado pelos arquitetos do gabinete de arquitetura Pedra Líquida, é um exemplo de renovação arquitetónica e readaptação de um espaço industrial para uso residencial, em que se converteu um antigo armazém de ferro, com uma estrutura de grande porte e valor histórico, situado no centro do Porto, num hotel contemporâneo e sofisticado de seis andares, a que deram o nome de “Habitação de luxo armazém”.

Os arquitetos tiveram o desafio de preservar a identidade e a memória do edifício, enquanto o adaptavam para atender às necessidades e ao estilo de vida moderno. Com uma área de 600 m<sup>2</sup> e localizado entre dois edifícios com paredes angulares, tal como no projeto anterior, o objetivo dos arquitetos foi manter a estrutura existente e estabelecer um diálogo entre a função industrial que o edifício desempenhou durante anos e o programa habitacional que projetaram. Exteriormente as fachadas do edifício mantiveram-se intatas, enquanto no interior os arquitetos apostaram em materiais característicos da arquitetura industrial para compor o novo edificado

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

residencial, construído de forma a manter a dualidade entre a função desempenhada anteriormente e a atual, com o ferro e o betão a contrastar com a madeira.

No piso térreo foi concebida a área social da unidade habitacional, que faz a distribuição das suites nos pisos superiores, sendo a descida para o piso inferior efetuada por uma escada metálica que foi projetada para se sobrepor a uma rampa pré-existente, encontrando-se aí a área da cozinha e do refeitório. Sendo este um edifício com forma previamente definida, o trabalho dos arquitetos passou por fazer a distribuição geral das habitações, tendo em atenção as suas pré-existências.

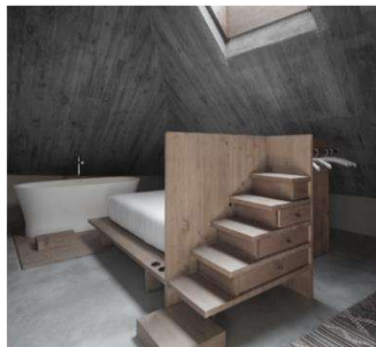


Figura 26. Interior do armazém de ferro | Fonte: pedraliquida.com

É notório, através da análise das imagens interiores, que houve uma grande preocupação em incluir luz natural no projetado, não só em espaços comuns bem assim nos dormitórios, através da colocação de grandes janelas e claraboias.

A abordagem adotada foi a de respeitar a estrutura existente e destacar as características arquitetónicas, tal como as estruturas em ferro, as vigas expostas e a estética industrial, que foram mantidos e incorporados no novo projeto de habitação, caracterizando o novo espaço.

Cada andar contém dois quartos e uma área de estar compartilhada para proporcionar uma maior interação entre os hóspedes, sendo o último piso o mais privilegiado, com um terraço com vista para a Catedral do Porto. A subida para os pisos superiores é realizada através de uma escada de aço, de aparência leve, de linhas simples e por isso discreta, que pretende marcar a verticalidade entre os pisos e ao mesmo tempo permite que a entrada de luz atinja todos os níveis. Os materiais escolhidos pelos arquitetos marcaram a intenção de criar um ambiente sofisticado para destacar a dualidade entre o antigo armazém e o Hotel projetado, por isso, o ferro e o betão, materiais característicos da arquitetura industrial, contrastam com a madeira clara, e os tecidos finos, pensados para o maior conforto dos hóspedes.

O objetivo dos arquitetos foi transformar um espaço amplo e profundo num hotel elegante, situado no centro do Porto, mantendo o layout e a atmosfera original, marcado pela escolha de materiais para assim produzir um ambiente marcado pelo charme, sem esquecer a decoração industrial que remete para as origens do edifício.

### 5.2.3. Theatro, Póvoa do Varzim



Figura 27. Exterior do Theatro | Fonte: Archdaily

É um teatro com uma área de 320 m<sup>2</sup>, construído no ano de 1910, que ao longo de muitos anos esteve abandonado e que em 2017 foi transformado pelo escritório MiMool Arquitetura & Design de Interiores. O espaço do antigo teatro foi redefinido, tornando-se um espaço versátil de livraria e restauração, em que a principal preocupação dos arquitetos foi trazer recuperar a identidade perdida e características originais, através do restauro da estrutura inicial e de pequenas intervenções adicionais.

Toda a fachada foi mantida como forma de preservação da história do edifício, fazendo a separação do edifício ao lado através de uma janela vertical rasgada a toda a altura, que serve também como fonte de luz natural.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

A distribuição do espaço interior foi pensada para otimizar a eficiência do bar/restaurante e zona de livraria, optando os arquitetos por marcar e fazer a separação dos espaços através do mobiliário e de contrastes entre os materiais utilizados, para não existirem barreiras físicas permanentes, e assim intervir o mínimo possível a nível construtivo.

O planeamento e a divisão das zonas foram essenciais no projeto para otimização e aproveitamento do espaço, levando em consideração as zonas de circulação de pessoas e a interação entre os funcionários e os clientes, uma vez que se trata de dois tipos de comércio distintos.

A cozinha é destacada por uma folha de alumínio ondulado, de cor preta que nos remete para o caracter industrial, reforçando a ideia de elemento externo da construção existente, baseando-se todo o edifício nesta ideia. Este design industrial é perfeitamente visível nas áreas do bar e adega, que se complementam com o restante mobiliário, fazendo a distinção das áreas e criando um dinamismo novo. O corredor central serve como área de exposição que permite o acesso ao piso superior.

O projeto é um exemplo de como um projeto arquitetónico bem-executado pode transformar um espaço comercial num local atraente, moderno e convidativo.

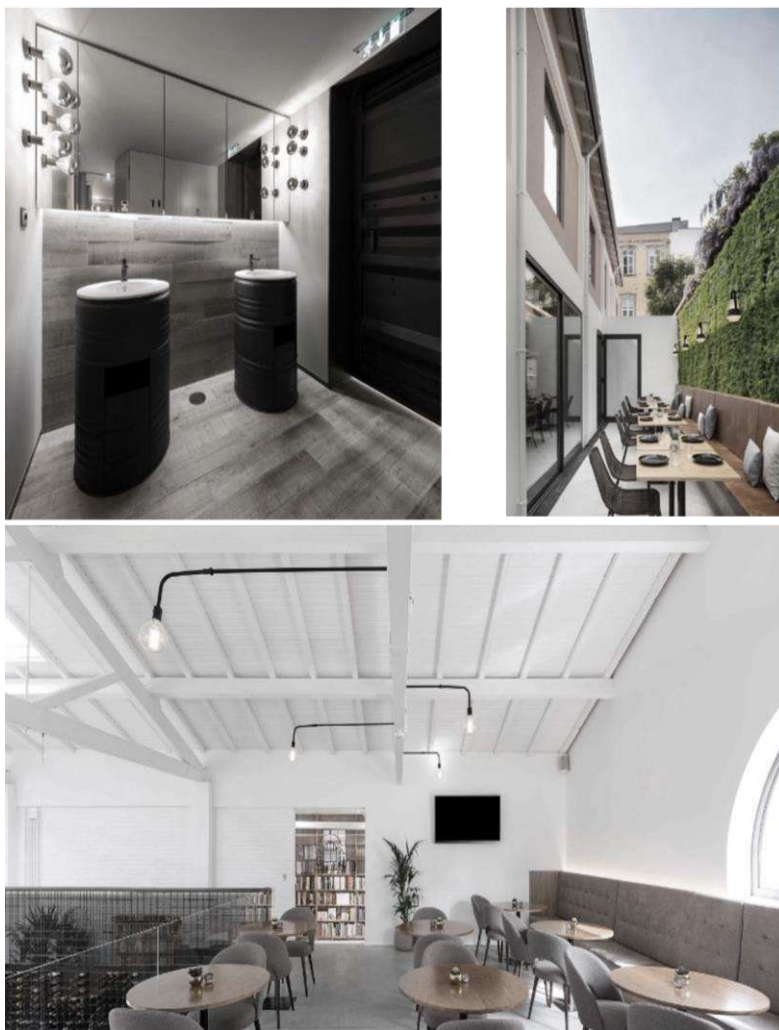


Figura 28. Interior do Theatro | Fonte: Archdaily

#### 5.2.4. Bar Virgen del Carmen, Estudio Arn Arquitectos

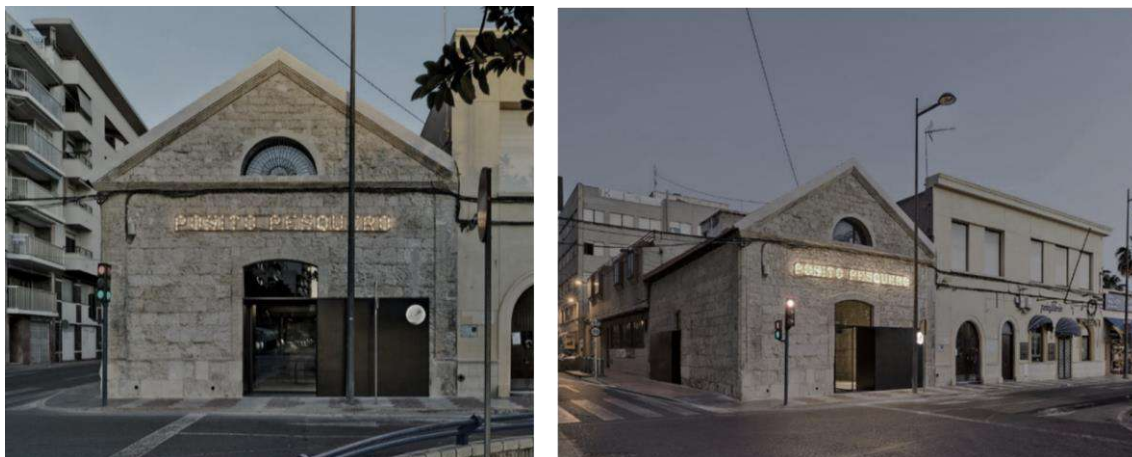


Figura 29. Exterior do Bar | Fonte: Archelo

É um edifício do século XIX, do ano de 1860, que inicialmente era um antigo armazém de pesca, passando posteriormente a SPA e sede de armadores, e que se tornou em 2015 o Bar Virgen del Carmen.

A diferença de funções ao longo dos anos é enorme e por isso as diferentes intervenções efetuadas para cumprir os diferentes usos causaram mudanças ao nível do seu volume original, deixando vestígios visíveis nas diferentes camadas de argamassa ao nível do exterior, nas diferentes alturas dos tetos falsos que escondiam a estrutura original do edifício em madeira ou nos ladrilhos que escondiam paredes originais em alvenaria. A intenção dos arquitetos neste projeto foi claramente destacar o seu cariz original de “armazém de pesca”, passando certamente por uma fase de reabilitação e limpeza do edifício, procurando eliminar todas as adições e alterações efetuadas ao longo dos anos, para que fosse devolvido ao edifício a sua aparência e valor original. A recuperação da alvenaria de pedra tanto no interior como no exterior é perceptível em todas as fotografias do projeto, assim como a das vigas de madeira que foram realçadas e valorizadas através da criação de um mezanino, para melhor aproveitamento do duplo pé direito, permitindo desfrutar de panorâmicas de diferentes alturas.

A laje criada para o mezanino não tem ligação com as paredes originais, de forma a respeitar a estrutura do edifício, sendo diferenciada pela cor cinza-escuro e pela escada metálica que nos remete para a arquitetura industrial.

A guarda escolhida pelos arquitetos é diferenciada pela forma, assemelhando-se a uma rede de pesca, que reforça o conceito definido para o projeto.

Quanto ao exterior, tal como mencionado, foi “limpo” como forma de recuperar o aspeto original, trazendo de volta a imagem limpa das paredes de alvenaria de pedra, a que se acrescentou dois portões de correr, em chapa lisa, que se assemelham aos portões da época. Neste projeto destaca-se a intenção dos arquitetos de preservar na íntegra o formato original do edifício, como forma de resolver as diferentes funções desempenhadas ao longo dos anos e de

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

recuperar os valores originais. Os materiais tipicamente utilizados na arquitetura industrial foram trazidos para o projeto de forma a trazer os valores do passado do edifício, marcando a nova função pela sua simplicidade, com um aspeto moderno e renovado. As paredes existentes em alvenaria (pedra), juntamente com a boa escolha de outros materiais e o bom aproveitamento do pé direito, proporcionam ao projeto uma forma singular.



Figura 30. Interior do Bar | Fonte: Archelo

### **5.2.5. Reflexão Final**

Estudados os projetos de referência foi possível entender com outra abrangência a importância de projetar sem afetar o original. Embora todos os casos estudados tenham funções diferentes, a preocupação dos arquitetos em todos eles foi sempre a mesma..., preservar o existente, a memória e adaptar a uma nova função respeitando a forma inicial. Existe à partida uma semelhança entre estes projetos e o trabalho que nos propomos a realizar, São obras de reabilitação que alteram a utilização para a finalidade de residência. Cada um deles demonstra a competência dos arquitetos em transformar espaços existentes, sejam eles industriais, históricos ou comerciais, em ambientes funcionais, esteticamente agradáveis e adaptados às necessidades atuais, onde um dos aspetos em comum é a valorização do contexto e da preservação do património arquitetónico existente, que permite que os edifícios mantenham a sua identidade.

No primeiro projeto, a Casa em Barcelona, dos arquitetos Eduardo Cadaval e Clara Solà-Morales, é interessante perceber como os arquitetos trabalharam o edifício através da forma existente, de fora para dentro, com a preocupação de acomodar as necessidades específicas das pessoas. A Casa em Barcelona adapta-se à topografia do terreno e cria ambientes flexíveis e fluidos. Encontrando-se o edificado inserido num lote, nota-se que houve a preocupação de criar um espaço exterior privado, com luz natural, capaz de dar uma nova dinâmica ao espaço e proporcionando o “conforto de casa”. Foi a partir deste parâmetro que se criou todo o ambiente de conforto, pensado para que não houvesse distinção entre o antigo uso e o atual de residência. A mistura de materiais, como a pedra, o tijolo, a madeira e o metal, a escadaria criada na zona de mezanino e a caixilharia, proporcionam ao edifício características do estilo industrial que os arquitetos quiseram relacionar de forma subtil. A par disso, proporcionaram um ambiente confortável e acolhedor, típicos de ambientes residenciais, com o uso de iluminação adequada em tons de amarelo, acompanhado de acessórios como as tapeçarias e plantas.

A mesma ideia encontra-se refletida no projeto “Habitação de luxo armazém”, projetado pelos arquitetos da Pedra Líquida, que conjuga materiais tipicamente associados à arquitetura industrial. Com a sua utilização, procuraram trazer os valores do passado, vincar a nova função pela simplicidade, mantendo o formato original, readaptando, dando um aspeto moderno e renovado, sendo em ambos os projetos é notória a preocupação em proporcionar luz natural aos espaços, que se traduz na criação de jardins interiores, tudo para uma melhor integração das pessoas com o edificado.

No geral, os projetos demonstram de forma exemplar a capacidade dos arquitetos em re-imaginar e transformar os edifícios tendo em consideração os aspetos históricos, funcionais, estéticos e sustentáveis, que se traduz numa evolução da arquitetura como uma disciplina em constante mudança, capaz de responder a desafios e a necessidades que passam de geração em geração.

Alguns dos casos de estudo não se relacionam diretamente através da forma ou da estrutura, mas sim através do conceito do projeto.

Tal como dizia Ludwig Mies Van Der Rohe “*menos é mais*”. Este conceito encaixa na perfeição na escolha destes projetos, que se interligam pelo objetivo comum de reaproveitar edifícios existentes para um novo uso, onde a semelhança passa pela escolha dos materiais utilizados, materiais simples e conotados com a arquitetura industrial, a iluminação natural e a forma de aproveitamento do espaço existente.

Além disso, em todos os casos estudados existe uma relação vincada e evidente dos edifícios com a envolvente, o que também é refletido no conceito do projeto aqui que se propõe.

O último capítulo deste trabalho é dedicado à nossa proposta arquitetónica, que à semelhança dos projetos estudados é caracterizada pela mudança de uso e pelo aproveitamento do passado. Neste caso a mudança passa pela readaptação de uma adega de vinhos, posteriormente adaptada ao uso de armazém e que agora, analisando as necessidades da atualidade, se pretende alterar para habitação. Tal como nos projetos de referência, pretende-se dar conforto e potencializar as características da arquitetura da pré-existência, que tem um aspeto pesado e frio, e criar uma arquitetura tirando partido da distinção entre o antigo e o atual.

Para não se perder a identidade e a memória do passado, procurou-se aplicar materiais similares e fazer a introdução de outros com o objetivo de se conseguir a melhor simbiose entre o passado, a modernidade e o conforto que se pretende para as habitações.

Procura-se com este projeto dar uma nova vida a um edifício que foi esquecido abandonado, aproveitando e potenciando as suas características originais de forma a valorizar a frente ribeirinha do Castelo, uma zona cada vez mais visitada e procurada.

## Capítulo III

# 6. Proposta Arquitetónica

### 6.1. Objetivos



Figura 31. Marcação da área do projeto | Fonte: Google Maps

- Criar uma proposta arquitetónica capaz de satisfazer as carências do local;
- Melhorar o aspeto visual do edifício de adega e de armazém de vinhos, respeitando a identidade do edificado tanto quanto possível;
- Criação de áreas verdes, adicionando valor estético e funcional ao local e ao projeto;
- Reorganizar os edifícios, tendo em consideração as limitações da legislação em vigor, relacionando-os com a atividade de alojamento local, criando as acessibilidades necessárias para o projeto;

A necessidade de reabilitação de determinado local pode por diversos motivos, desde o simples impulso estético à resposta a alterações culturais ou socioeconómicas. Para reabilitar bem, valoriza-se o edifício e procede-se à readaptação considerando o modo de vida e exigências atuais, respeitando e perpetuando a identidade. O objetivo deste projeto surgiu da necessidade de dar uma nova vida a um edifício abandonado, de grande presença no local, o que implica trabalhar também as questões formais e resolver os problemas urbanos, com a preocupação de que ele se integre na cultura e espírito do lugar, e contribua para o seu desenvolvimento.

## 6.2. Apresentação do local

O projeto insere-se num local com bastante edificação, próximo de outras habitações, com acesso direto à rua principal do lugar, o que suscitou a necessidade de pensar em formas que proporcionassem a melhor privacidade possível. Em face da pouca área exterior envolvente foi necessário pensar na criação de estacionamento, a par de áreas ajardinadas, para de certa forma equilibrar a imagem imponente e robusta do edifício principal.

Além do grande edifício, existe ainda uma pequena edificação em pedra com cobertura inclinada em telha tipo “Lusa”, com cerca de 34,55 m<sup>2</sup> de área, onde chegou a funcionar um alambique, no tempo da produção de vinho. Em época posterior passou a servir de cozinha e espaço de refeições dos funcionários. Estando inserido num lugar privilegiado com vista para o Rio Douro, com boa exposição solar, e na proximidade de outras habitações e das principais atrações locais, foi importante valorizar essas características de forma a fazer o melhor aproveitamento arquitetónico, sem descurar, contudo, o conforto, a privacidade e a tranquilidade. Da análise do local do projeto resulta notória a semelhança das construções existentes ao longo de toda a Rua do Castelo, tanto em termos de volume, como de materiais utilizados e cores. A semelhança verifica-se no uso da pedra, no número de pisos, e na tipologia arquitetónica dominante, com o rés do chão revestido a pedra e os pisos superiores em reboco pintado, que caracteriza toda a rua ao longo do percurso até ao cais. Mesmo as habitações que não foram construídas em pedra possuem apontamentos naquele material, que cria um contraste entre os pisos.



Figura 32. Exemplo das edificações habitacionais ao longo da Rua do Castelo | Fonte: Google Maps

Partindo da intenção de trabalhar num terreno em Castelo de Paiva e depois de algum tempo para encontrar o local ideal, encontrou-se aquele que sempre esteve na minha memória e na minha vida. Além de ter uma dimensão considerável, obviamente um fator decisivo, também se adequava à obrigação a que me impus de encontrar um projeto ao abandono que pudesse

valorizar Castelo de Paiva e a malha urbana em que se insere. Estas circunstâncias permitiram um projeto que conjuga um desenho arquitetónico contemporâneo com a reabilitação de um edifício de características industriais para alojamento local, promovendo o interesse do lugar onde se acredita surgiu o nome *Castelo de Paiva*.

### 6.3. O Lote

Os limites do edificado confrontam a Norte com a área das instalações da Piscina do Castelo e a Sul, Nascente e Poente com a Rua do Castelo, que constitui o acesso principal. O terreno é delimitado por um muro que faz a separação entre o parque de estacionamento camarário e a área do projeto e pela parede do edifício existente na zona contigua à piscina municipal. Na confrontação com a Rua do Castelo, a única via que liga ao cais e à praia fluvial tem um desnível de 2m entre a parte mais alta a nascente e a parte mais baixa a poente, segundo o levantamento topográfico efetuado no local. O armazém que se irá adaptar para alojamento tem uma área de 387,60m<sup>2</sup>, e está inserido numa parcela de terreno com 844,00m<sup>2</sup>. A pré-existência não possui nenhum aspeto relevante em termos arquitetónicos, sendo uma construção com duplo pé direito, paredes em pedra, cobertura inclinada em chapa metálica, que são características comuns neste género de edifícios. Na fachada principal podemos ver uma grande porta de tom escuro e outra de dimensão mais pequena e cor avermelhada a um nível mais elevado, por onde antigamente as carrinhas descarregavam as uvas diretamente para o lagar onde eram esmagadas para a produção do vinho.

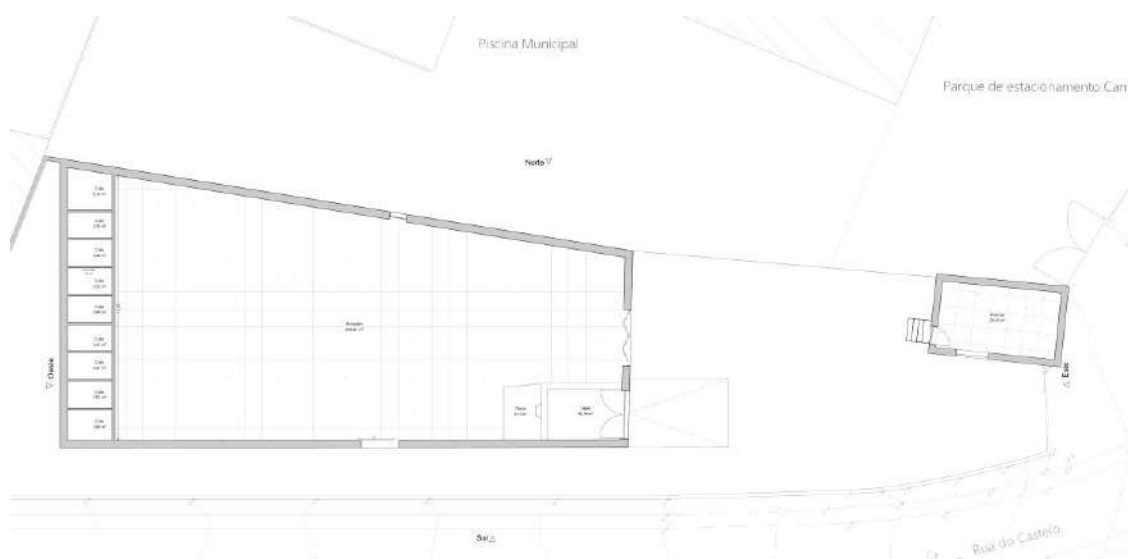


Figura 33. Planta do existente | sem escala

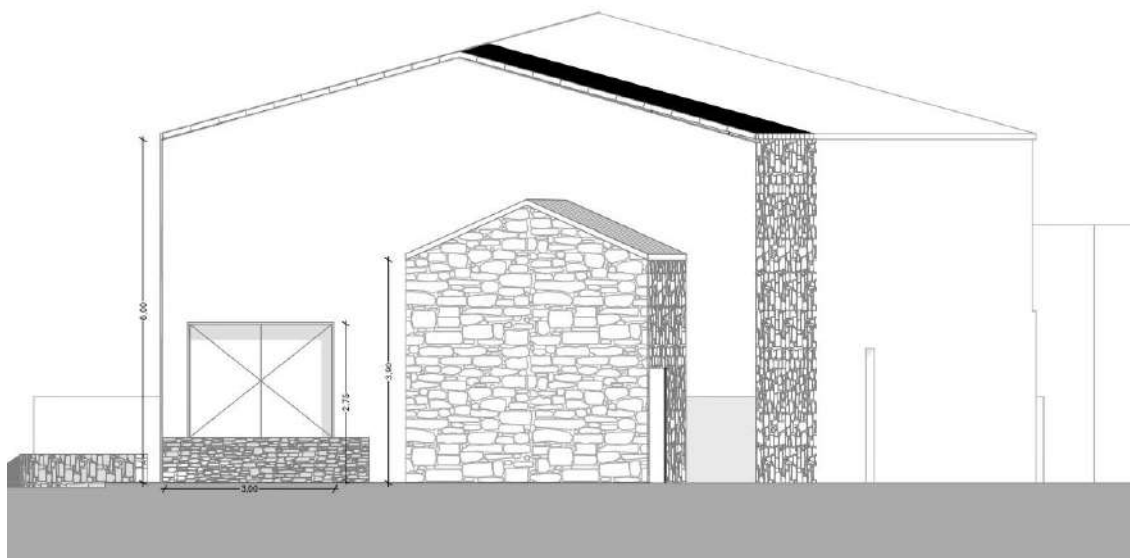


Figura 34. Alçado Este – Existente | sem escala

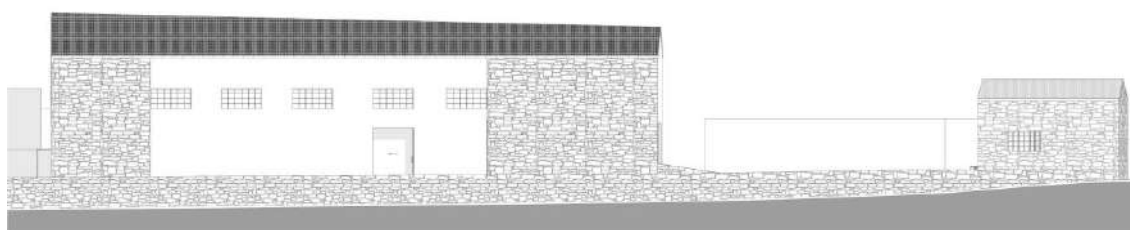


Figura 35. Alçado Sul- Existente | sem escala

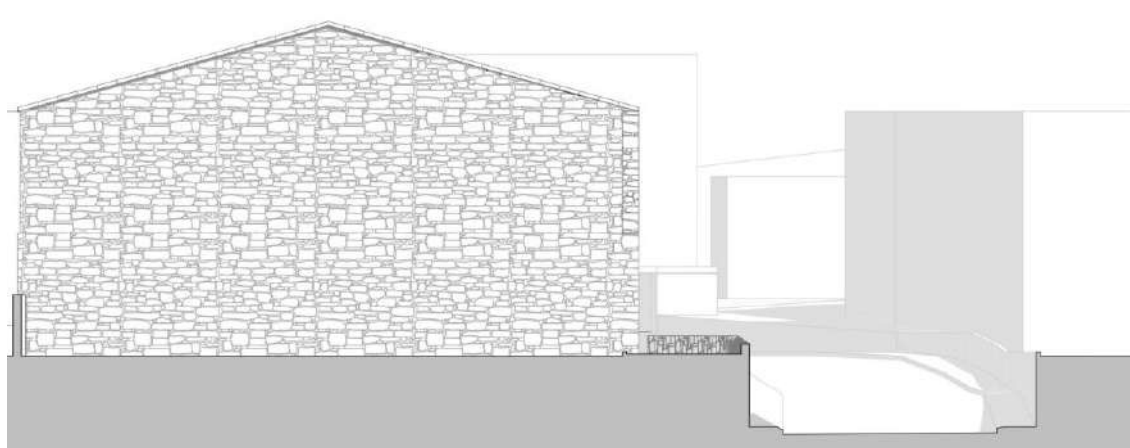


Figura 36. Alçado Oeste- Existente | sem escala

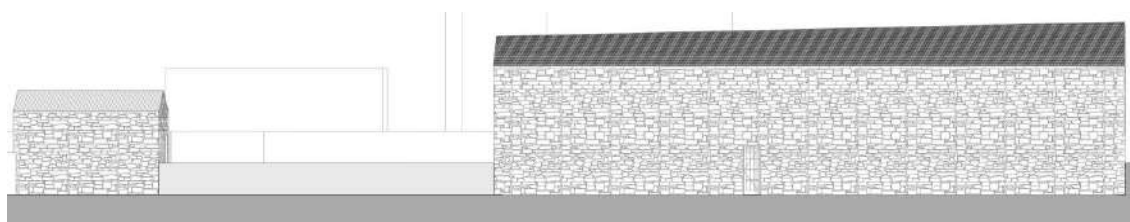


Figura 37. Alçado Oeste- Existente | sem escala

O edifício é integralmente construído em pedra, exceto na área onde estão situadas as seis aberturas no nível superior. Nessa área, em particular, há uma diferença de material, sendo aplicado um reboco pintado de branco que delimita as aberturas de luz no alçado sul.



Figura 38. Distinção dos materiais da fachada do armazém

As restantes frentes do edifício não possuem aberturas, nem apresentam qualquer diferença de material, a não ser a fachada principal que também é rebocada. Durante a visita ao interior do armazém, pôde-se verificar que já não existiam grandes vestígios da atividade que outrora ali se desenvolveu, apenas um lagar em pedra utilizado para a produção de vinho e uma área de despejo das uvas, conhecida comumente por *dorna*, servida pela porta mais pequena do alçado este. Contém um pé direito duplo e uma cobertura em chapa que é segura por seis asnas metálicas. A oeste do edifício existiam cubas de dimensões consideráveis que ocupavam a parede na totalidade, onde eram antigamente armazenados os vinhos ali produzidos. Percebeu-se também que outrora existiu uma porta de acesso no lado norte, enretanto fechada e que dava acesso direto à área do terreno onde foi construída a piscina municipal. O restante do espaço não possui equipamentos relacionados a atividade vinícola.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Figura 39. Perspetivas exteriores do Armazém | Fonte: Google Maps

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Figura 40. Enquadramento e relação do edifício com a paisagem | Fonte Google Maps

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## 6.4. Projeto Final



Figura 41. Vista Frontal do armazém de vinho verde | Fotografia do Autor

Sendo a zona alvo de intervenção um destino que todos os anos atrai dezenas de turistas, era importante intervir no edifício de forma a torná-lo mais apelativo e ao mesmo tempo satisfazer a carência ao nível da qualidade e número de acomodações no local.

Ajustando a função do edifício com as exigências da atualidade, acredita-se que a proposta irá modernizar e atualizar a área em estudo sem alterar o layout existente, caracterizado sobretudo pelas paredes em pedra de grande pé direito.

Todos os elementos do local são influenciadores do projeto como a topografia, a dimensão do edifício, a envolvente, os acessos, os materiais, as pessoas a cultura e o passado.

Através da primeira parte do presente trabalho, onde se estudou a evolução do conceito de restauro ao longo dos anos e posterior análise de projetos de edifícios de carácter industrial que alteraram o seu uso inicial, há agora uma base de conhecimento mais sólida, que influencia a forma de pensar e ver a arquitetura. Pretende-se nesta parte conciliar os conhecimentos adquiridos com o desenho, de forma equilibrada, com fundamento, resultando no projeto final.

Os projetos estudados anteriormente compartilham semelhanças arquitetônicas que os tornam exemplos inspiradores para a realização desta última parte da dissertação.

Uma das características chave dos projetos estudados é a transformação de edifícios existentes para desempenho de novas funções, evitando-se a demolição do existente. Foi preferida a opção de reutilizar e adaptar os espaços de forma criativa, trazendo uma nova vida e função.

Esta abordagem demonstra uma mentalidade sustentável, orientadora da realização deste projeto de arquitetura, a par da valorização do local, dos costumes, optando-se também por uma arquitetura capaz de responder às necessidades atuais.

Tal como Lacaton e Vassal defendem uma abordagem de "transformação através da adição" em vez de "*demolição e substituição*", acredito que edifícios existentes podem ser readaptados de forma a atender às necessidades contemporâneas, em vez de serem completamente substituídos, para que o património construído seja preservado e dessa forma evitar o desperdício de recursos.

Assim, tal como nos projetos estudados, pretende-se que a proposta tenha um impacto significativo na revitalização urbana do lugar do Castelo ao nível da qualidade da habitação, em termos arquitetónicos, de sustentabilidade, de qualidade e conforto.

Depois das ideias iniciais que foram surgindo, umas foram deixadas de parte e pouco a pouco o projeto foi tomando forma, chegando-se à versão final, processo esse que irá ser descrito ao longo deste capítulo.

## 6.5. Conceito

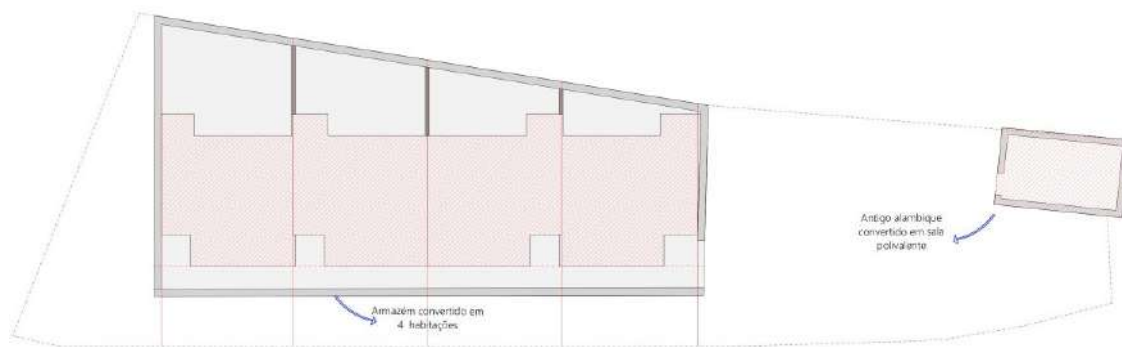


Figura 42. Esquema geral

No âmbito deste projeto de alteração de uso, foi adotada uma abordagem cuidadosa para preservar e valorizar o formato original do edifício.

O conceito surge a partir do interior do antigo armazém, onde todas as habitações são formadas por uma base de planta em espelho, que emergem de dentro do edifício existente. Esta opção oferece uma melhor organização do espaço, proporcionando um aproveitamento mais eficiente da área delimitada pelas paredes do antigo armazém.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

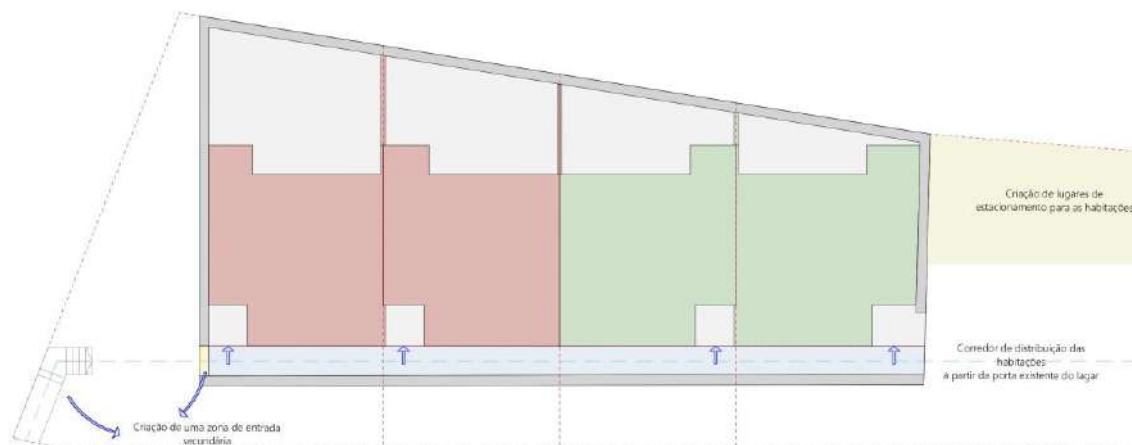


Figura 43. Esquema com as intenções do projeto

A abertura existente do lagar foi estrategicamente incorporada no projeto, desempenhando um papel central na distribuição e circulação das habitações, fazendo a ligação dos diferentes espaços. Expande-se de forma longitudinal, proporcionando uma organização eficiente e harmoniosa, mantendo ao mesmo tempo a essência histórica do antigo edifício. Ao utilizar a abertura do lagar como elemento chave para a distribuição das habitações, foi possível criar uma fluidez espacial natural e intuitiva além de se promover a privacidade das habitações, uma vez que é a sul que o edifício comunica diretamente com a Rua do Castelo.

As habitações foram estrategicamente posicionadas no interior do antigo edifício, garantindo uma relação visual e funcional entre os espaços e ao mesmo tempo permitindo uma circulação natural e eficiente.

A solução de planta em espelho foi uma opção fundamental para a distribuição dos espaços, onde através do estudo da localização das aberturas e a disposição dos elementos construtivos, se pretendeu garantir uma solução arquitetônica coesa e integrada, resultando num projeto final eficiente, que respeita e mantém o formato original do edifício, criando-se ao mesmo tempo um ambiente habitacional contemporâneo e volumetricamente atraente.



Figura 44. 3D da zona de entrada das habitações

## 6.6. O Armazém

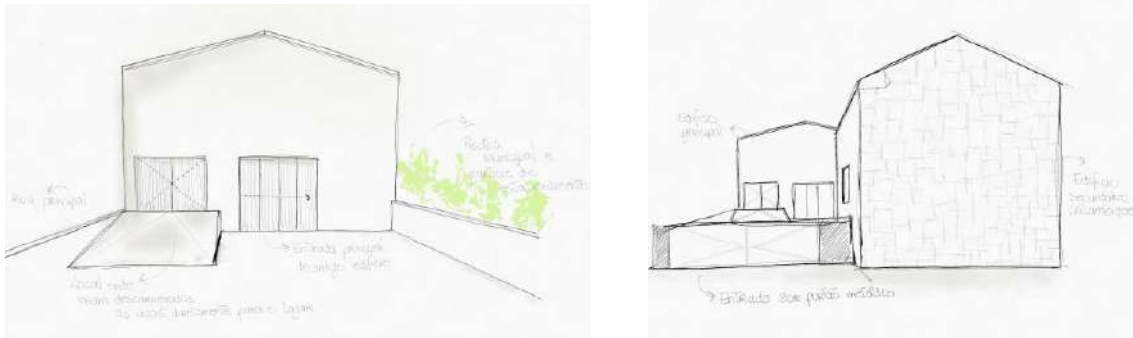


Figura 45. Esquiços do edifício existente

Inicialmente pensou-se em criar um projeto de arquitetura pensado para uma tipologia de hotel, com suites com vista sobre o Douro, mas houve a necessidade de reformular a proposta, uma vez que a implantação existente nos limitaria ao nível da área disponível, insuficiente para a criação de estacionamento privativo, área de bar/restauração, receção e outras obrigatórias que teriam de ser cumpridas segundo a legislação para aquela tipologia. Foi então que como alternativa se pensou em fazer um complexo de unidades de alojamento, composto por pequenas habitações, resolvendo-se assim as problemáticas encontradas na primeira fase de projeto.

Acautela-se desta forma a possibilidade de alteração da modalidade de uso ou de negócio, prevendo-se a possibilidade de no futuro o edifício poder entrar no mercado imobiliário, como seja também o arrendamento de longa duração.

No que diz respeito à topografia do terreno, tendo em conta que a intenção foi sempre preservar tanto quanto possível o existente, optou-se por se manter a mancha de implantação inicial, até por não haver muita margem para manobra. Foram alterados apenas outros parâmetros de acordo com as necessidades do projeto, nomeadamente quanto às áreas de espaço verde e de lugares de estacionamento privativo, reformulando-se o terreno disponível apenas nestas determinações.

Num projeto onde a principal preocupação foi sempre ter em consideração a implantação existente, marcada pelas quatro paredes que dão forma ao armazém, foi a partir dessas paredes que a lógica da nova proposta arquitetónica ganhou corpo.

Foi através da reorganização e demarcação do espaço interior que se chegou a uma conclusão para as unidades de habitação, posicionadas em galeria, rasgando o alçado a sul, fazendo-se o melhor aproveitamento da vista do local.

O interesse em dar aproveitamento ao *layout* do edifício surgiu inicialmente pela intenção da melhor preservação e reaproveitamento do espaço, tendo também como objetivo proporcionar aos hóspedes ou residentes a maior privacidade possível, já que se trata de um local com habitações muito próximas, sem possibilidade de alteração.

No fundo o polígono existente marcou e definiu a nova arquitetura, que nasce no interior do antigo armazém e que se forma e destaca no alçado a sul.

A proposta é composta por quatro habitações em banda, de tipologia T2, onde todas elas surgem a partir do interior das paredes existentes e cuja entrada se desenvolve ao longo de um corredor limitado pela parede existente a Sul, cujo corredor de entrada das habitações parte da abertura existente, que antigamente seria a porta para o lagar onde eram descarregadas as uvas.

## 6.7. Distribuição do espaço

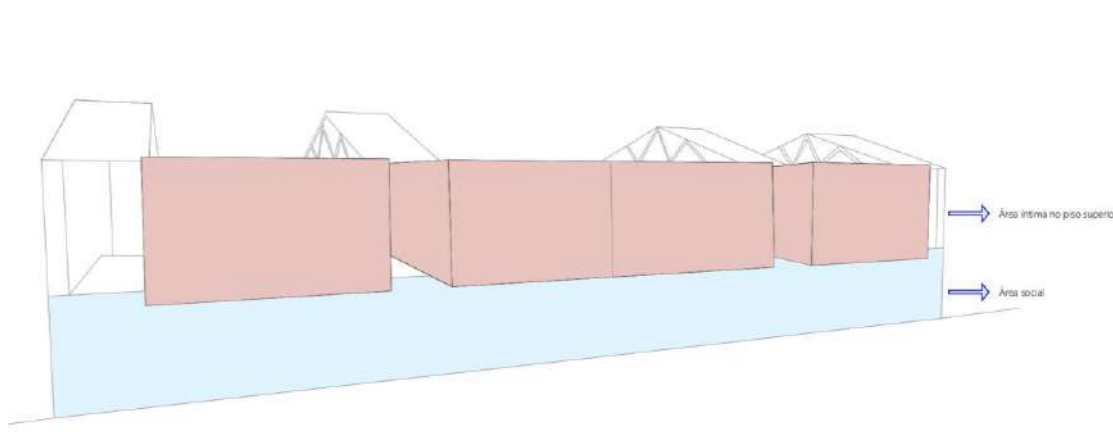


Figura 46. Vista Frontal do armazém de vinho verde

Com base nas especificidades do projeto, que incluem a quase ausência de espaço exterior ao armazém e a confrontação quase direta do edifício existente em relação à rua principal do lugar, optou-se por se fazer a divisão dos espaços privados e íntimos em dois andares diferentes. Opção que foi considerada sobretudo para o melhor equilíbrio quanto à privacidade dos ocupantes e o aproveitamento das vistas sobre o Douro.

A diferenciação das áreas por pisos permite que os moradores desfrutem de um ambiente social comum, estabelecendo uma conexão direta com o contexto urbano que é representado pela rua principal do Castelo.

Para garantir a privacidade dos ocupantes e aproveitar as vistas panorâmicas disponíveis, os espaços íntimos das habitações foram colocados no piso superior, o piso privilegiado do projeto, com vista direta sobre o Douro.

A organização cuidadosa desses espaços permite que os moradores desfrutem de um ambiente residencial funcional e harmonioso, adaptado às características do local, aliando a privacidade com a panorâmica que oferece.

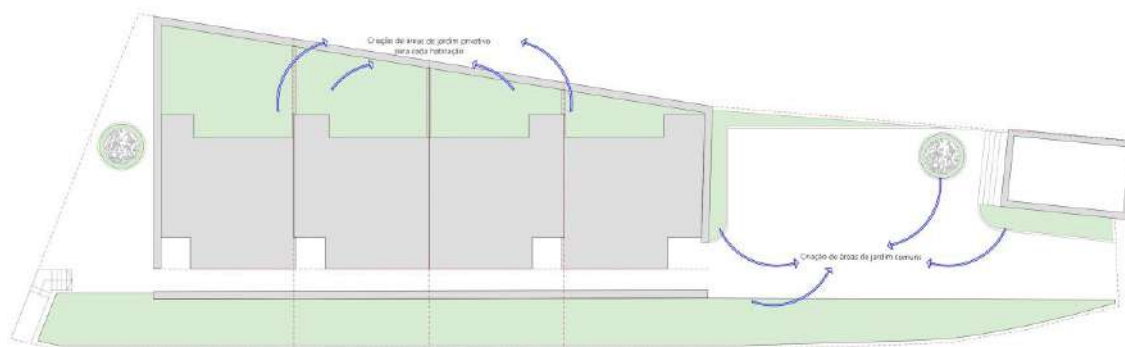


Figura 47. Inserção de vegetação no projeto

Um elemento essencial no projeto foi a integração de vegetação como parte fundamental da arquitetura. A presença de elementos vegetais traz uma série de benefícios, além do contributo para a melhoria da qualidade do ar, optando-se por diferentes estratégias para a sua melhor integração no projetado.

No exterior do edificado foi projetado um jardim ao longo de toda a zona sul, que se estende de ponta a ponta, onde se pretende colocar vegetação de porte médio, suavizando-se assim o impacto da parede que segura o segundo piso das habitações. Além disso, para embelezamento, foram adicionados alguns canteiros em áreas comuns.

A nível privado, cada habitação contém uma zona de jardim tipo “*Jardim de inverno*”<sup>5</sup>, de forma a integrar o ambiente construído com a natureza e o melhor aproveitamento da luz natural, sobretudo ao nível do piso inferior.

Nas áreas comuns, a escolha das espécies vegetais foi cuidadosamente considerada, tendo em conta a adaptabilidade ao clima local e a manutenção.

<sup>5</sup> Os jardins de inverno tiveram origem nos países nórdicos, onde as baixas temperaturas impedem a criação de jardins. Esta estratégia pode ser usada como uma forma de inserção de luz natural e ventilação que permite uma integração do espaço com a natureza.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

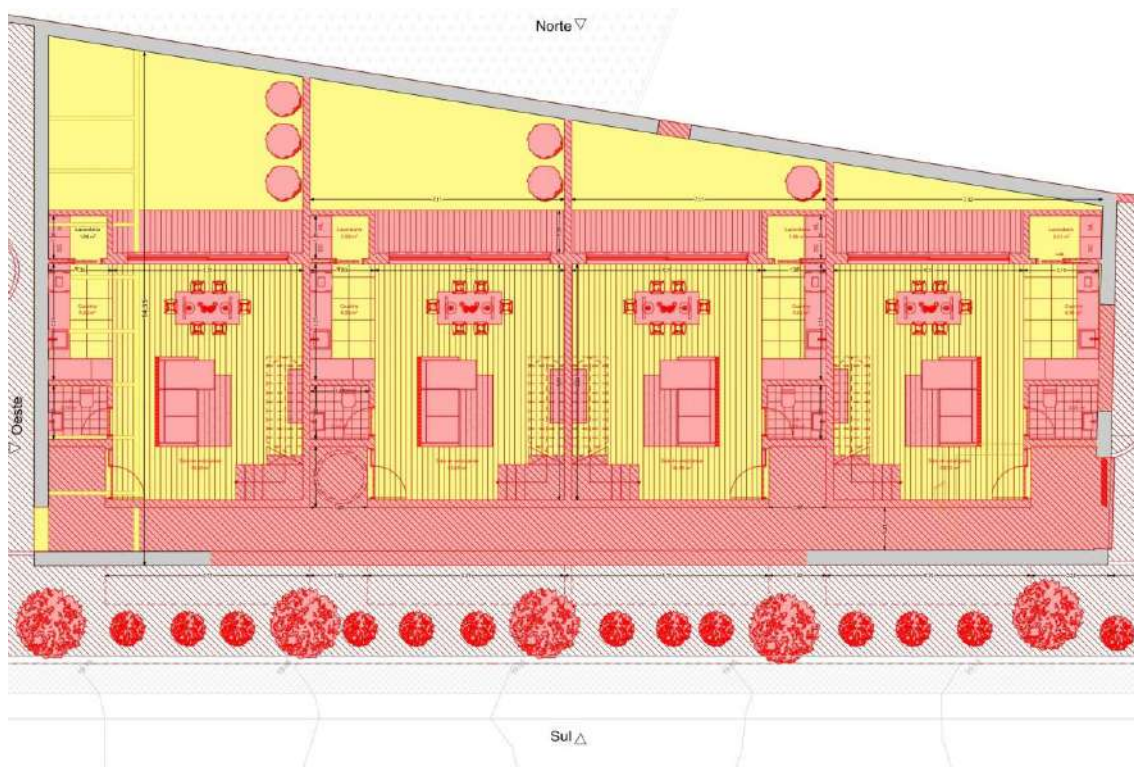


Figura 48. Planta do Piso 00 – Alterações | sem escala



Figura 49. Planta do Piso 01- Alterações | sem escala

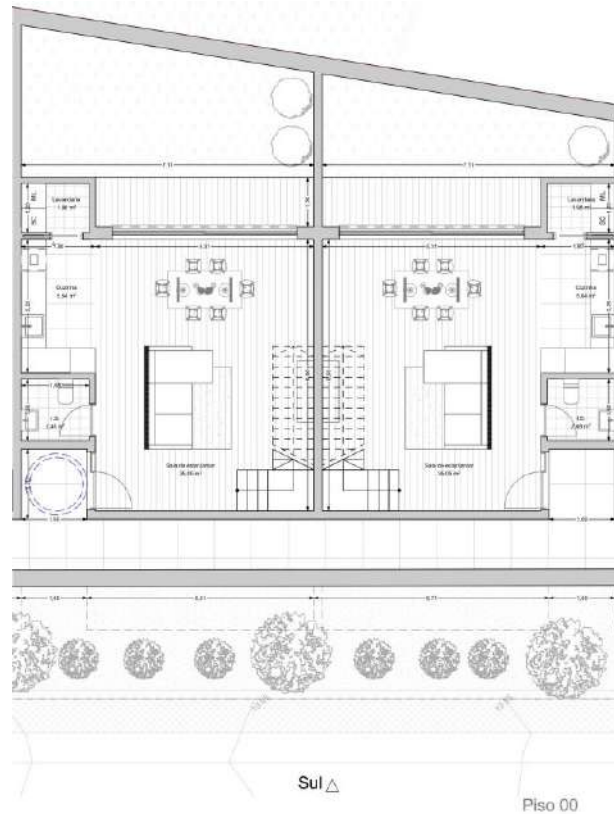


Figura 50. Planta do Piso 00 – Proposto | Sem escala

As habitações contêm uma planta base, simples, cuja distribuição dos espaços é cuidadosamente planeada para atender às necessidades dos moradores/hóspedes. As áreas de convívio, como a sala de estar e a cozinha, são projetadas como espaços abertos e fluidos, com aberturas de vãos de grande dimensão para que todo o piso inferior consiga conter luz natural, proporcionando a melhor integração.

No primeiro piso encontra-se a área social, definida por uma sala e cozinha em *open space*, lavandaria, casa de banho de serviço e uma pequena zona de logradouro delimitada pela parede a norte, que faz a separação do edifício com a piscina municipal.

Atendendo ao facto que o projeto é pensado tanto para alojamento local como para futuro arrendamento imobiliário, optou-se por colocar barreiras físicas entre as habitações, com a construção de um murete em tijolo que delimita o espaço individual de cada uma delas, para que seja proporcionada a melhor privacidade. No alçado norte as habitações estão recuadas da parede existente, para garantia de uma área exterior individual e proporcionar uma maior leveza ao piso inferior.

A separação entre os dois pisos é efetuada através de uma escada em chapa de aço, desenhada especialmente para o projeto.



Figura 51. Perspetiva da escada no espaço em 3D

A conceção arquitetónica do espaço interior envolveu a utilização de materiais em tons claros, para proporcionar uma sensação de maior amplitude.

Dos materiais escolhidos destaca-se os que compõem a escada, o elemento de ligação entre os dois pisos, construída em chapa de aço, da cor antracite, criando um contraste em relação ao restante ambiente, conferindo uma maior distinção.

A escada apresenta uma configuração em L, dividida em duas partes.

A primeira parte é fixa à parede e à laje de piso, enquanto que a segunda, que surge de forma perpendicular em relação à primeira sem que os elementos constituintes se toquem, é suportada por cabos tensionados que além de terem a função de suporte funcionam também como guarda corpo. Além dos cabos tensionados, toda a estrutura é fixa à parede de modo a conferir a estabilidade necessária ao conjunto .



Figura 52. Perspetiva em 3D

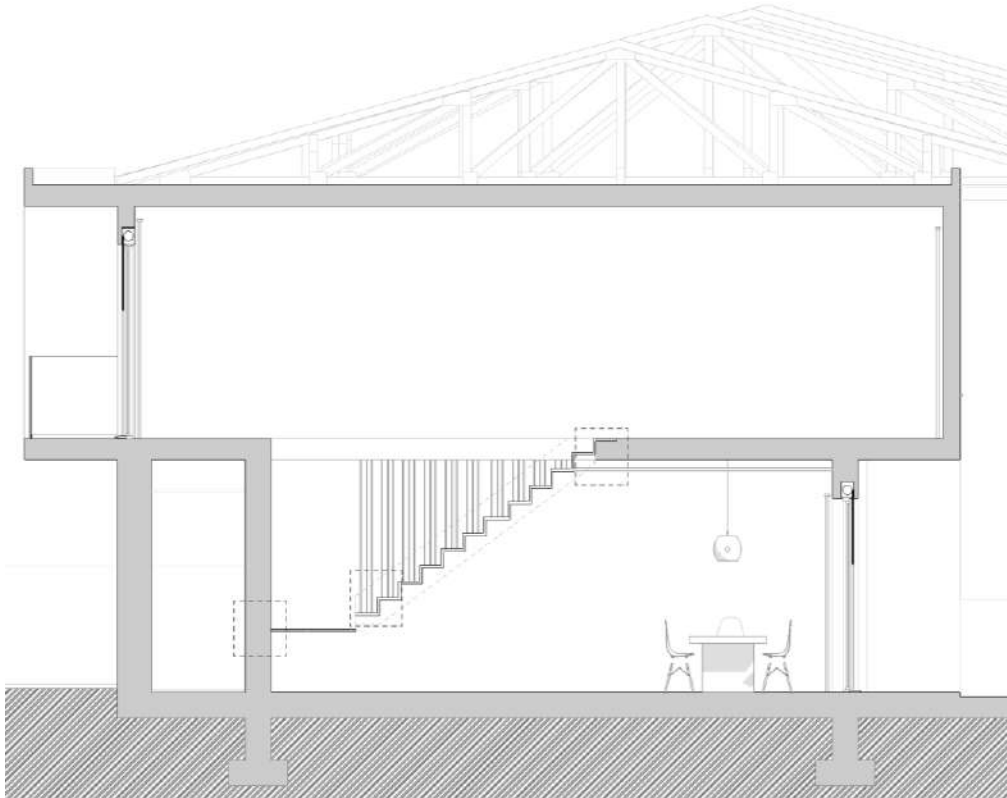


Figura 53. Corte com a localização da escada no edifício

Pretende-se que o elemento escada proporcione um ambiente elegante e contemporâneo, além de criar uma sensação de leveza e fluidez visual, cuja cor e materialidade remetem para lembranças do estilo industrial do antigo armazém.

A combinação entre a primeira parte da escada e a segunda, esta surgindo de forma suspensa, cria um contraste notório e perceptível, assim propositadamente pensado de forma a criar a dualidade entre solidez e leveza. Esta solução para o caso em estudo proporciona a melhor funcionalidade para a circulação vertical, sendo a par um elemento de destaque pela sua forma e cor.

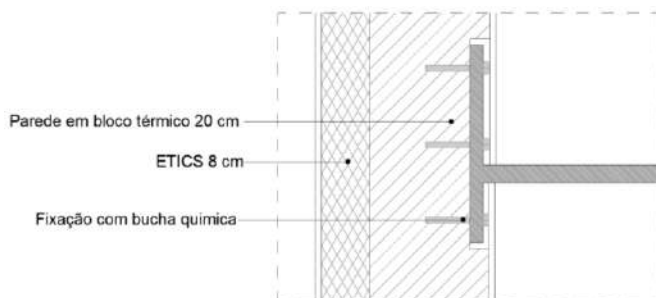
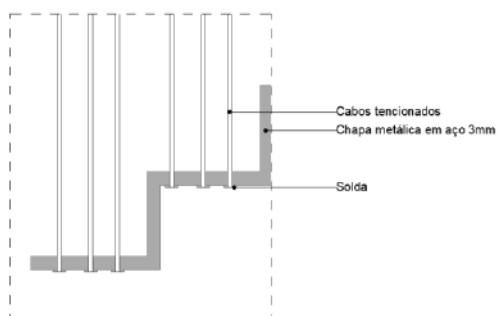


Figura 54. Fixação da escada à parede



Figura 55. Perspetiva 3D das duas partes da escada



Fixação dos cabos tensionados  
através de solda

Figura 56. Fixação dos cabos tensionados na chapa de aço através de solda

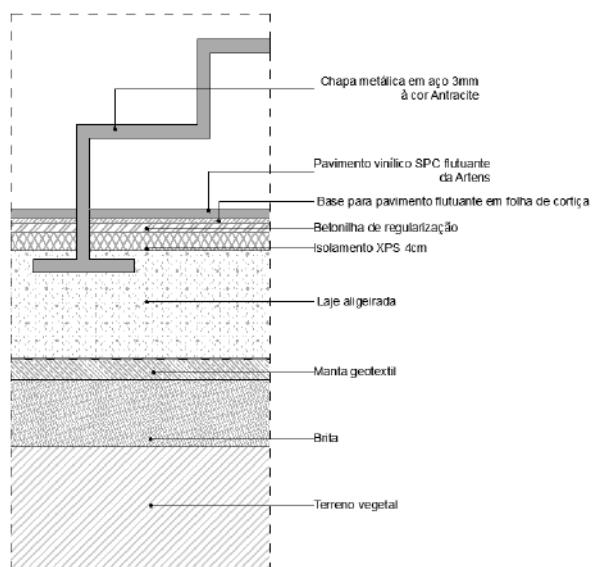


Figura 57. Fixação da escada à laje durante o processo de betonagem

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

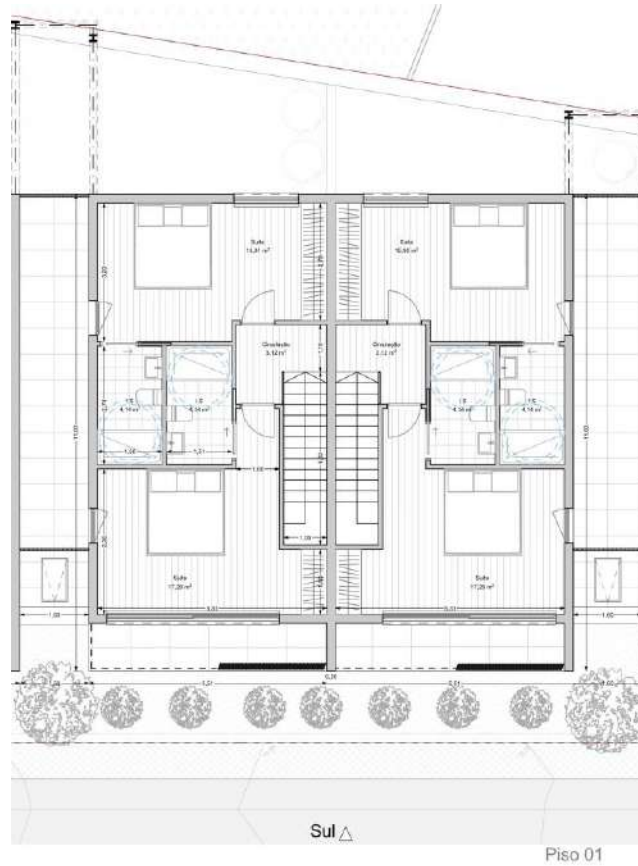


Figura 58. Planta do Piso 01 | Sem escala

O piso superior é o que se destaca volumetricamente por rasgar o edifício e se debruçar sobre as paredes do antigo armazém, para aproveitar a vista idílica que a paisagem do Douro proporciona. Sendo nessa parte a zona privada dos alojamentos, este segundo piso foi pensado como o lugar de destaque do projeto. Pelo exterior e interior, todo o espaço foi pensado de forma a proporcionar o melhor que o edifício pode oferecer- as vistas.

A parte superior contém duas suites, ambas com vistas privilegiadas. A norte é proporcionada vista para a Ilha dos Amores e a piscina municipal, enquanto que as suites mais a sul têm uma varanda que proporciona uma vista diretamente para o Douro. Nestas varandas optou-se pela colocação de brises reguláveis em madeira. Esta solução permite a entrada de luz, não tornando o ambiente completamente opaco, garantindo também a melhor privacidade.

## Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos. Intervenção em Castelo de Paiva

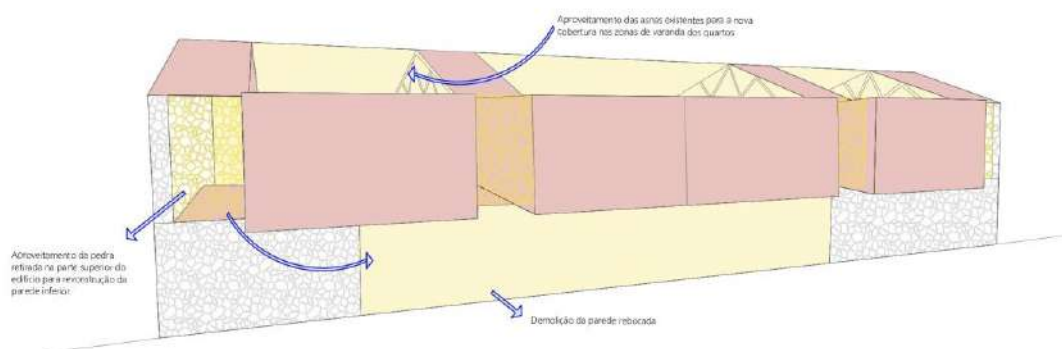


Figura 59. Esquema do processo de reconstrução

A reutilização de materiais não reduz apenas o impacto ambiental, conferindo também uma identidade única ao edifício, incorporando elementos que contam a história e preservam a memória do lugar. A integração desses elementos reutilizados agrega valor estético e cultural original ao projeto, criando um ambiente arquitetônico rico em detalhes e significado.

Assim, todas as paredes originais foram mantidas, a este e oeste na íntegra, e a norte e sul apenas no primeiro piso.

Demolindo-se a parte superior das paredes a norte e sul, pretende-se reutilizar as pedras para reconstruir a parte da parede a Sul, anteriormente rebocada.

Também as que originalmente sustentavam a cobertura em chapa foram reutilizadas, para criar novas coberturas nas áreas das varandas, ao nível do piso superior. Esta opção contribui para manter a integridade e a história do edifício, além de adicionar um toque de autenticidade ao projeto.

Ao adotar esta opção de reutilização, procurou-se demonstrar o compromisso com a sustentabilidade, a preservação histórica e a valorização dos recursos existentes. A integração dos elementos aproveitados no novo contexto arquitetônico reflete uma abordagem consciente e responsável, promovendo a harmonia entre o passado e o presente, criando um resultado final que é ao mesmo tempo esteticamente atraente e ambientalmente consciente.

No processo da nova construção foram selecionados diversos materiais para compor o projeto.

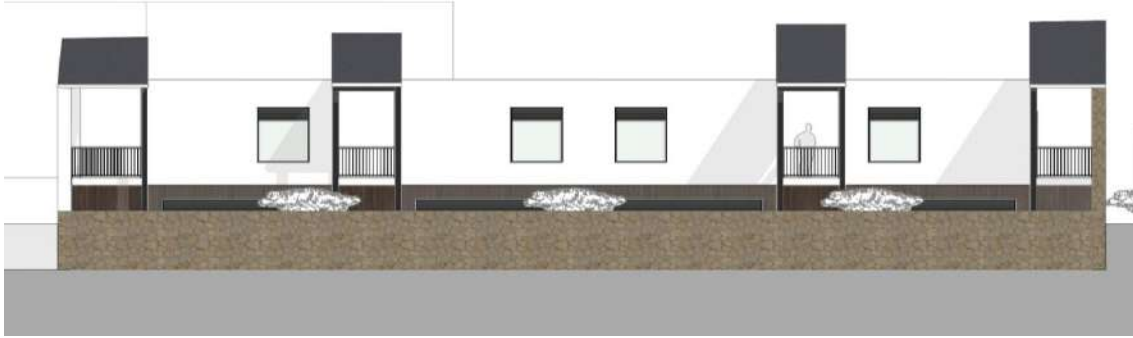


Figura 60. Materialidade do Alçado Norte

Por exemplo, a fachada norte foi revestida com ripas de madeira no piso inferior, que conferem uma textura natural.

Para sustentar as novas coberturas inclinadas nas zonas de varanda foram utilizadas vigas em aço. O aço oferece resistência estrutural, permitindo a criação de vãos amplos e formas arquitetônicas expressivas. Além disso, a sua durabilidade e versatilidade garantem uma solução robusta e confiável para a integridade estrutural do edifício.

A opção de revestir o novo edifício na parte superior com pintura de cor branca, deveu-se ao facto de se querer conferir leveza e criar um contraste visual com as paredes existentes em pedra.

A combinação dos materiais escolhidos - ripados de madeira, vidro, elementos em aço e a pedra - juntamente com o revestimento de pintura de cor branca, resulta num equilíbrio entre a arquitetura industrial e a arquitetura contemporânea. A seleção consciente desses materiais tem como objetivo não apenas atender aos requisitos funcionais do projeto, mas também criar uma atmosfera estética coerente e agradável, combinando a autenticidade dos materiais tradicionais com a modernidade e a funcionalidade.

No interior, as paredes entre as habitações são contituídas por bloco térmico com isolamento acústico, para garantia do máximo de privacidade possível entre as habitações, enquanto que as restantes paredes exteriores do piso superior que não contactam diretamente com as habitações são em estrutura metálica.

Esta distinção de materiais, deve-se ao facto de querer destacar e criar uma harmonia entre o antigo e o novo, pelo desafio de transformar um antigo armazém de vinhos em habitações modernas, sem perder contudo a essência da estrutura original, aliando a rigidez do piso inferior construído em bloco, com a parte superior numa estrutura leve.



Figura 61. Materialidade do Alçado Sul

No alçado sul o edifício rasga a parede existente como forma de se afirmar e marcar a sua nova função, onde se optou por marcar a diferença entre a pedra da parede existente e a nova arquitetura, através da aplicação da cor branca. Além do branco ser uma cor leve, que vai de encontro ao efeito que se quis criar, das suites a pousar no armazém espreitando a paisagem, esta distinção de materiais continua que se vê ao longo da rua de acesso principal ao lugar do Castelo, onde na generalidade as casas são semelhantes, com o primeiro piso em pedra e o segundo rebocado. Os ripados colocados na zona superior funcionam como elementos reguláveis que pretendem conferir maior privacidade ao segundo piso, a parte mais privada do edificado.

No projeto, as paredes existentes foram preservadas integralmente no rés do chão, enquanto no piso superior foram realizadas aberturas, tanto na fachada norte como na sul, visando aproveitar ao máximo as vistas panorâmicas oferecidas pelo local. Essa abordagem permite que os espaços internos desfrutem da paisagem circundante e promovam uma maior conexão com o exterior.

No rés do chão, a nova construção é composta por bloco térmico e tijolo, estabelecendo a ideia de que toda a parte inferior do edifício representa uma estrutura rígida que suporta a leveza da parte superior, construída em aço leve. A dualidade entre o construído e a forma é destacada pela transição entre a base sólida, que nos remete para a aparência robusta do antigo armazém, com a estrutura leve do piso superior. Esta distinção construtiva cria uma dualidade entre a estrutura rígida e a construção leve, que aliada ao contraste entre os materiais permite a criação de uma narrativa arquitetónica que valoriza a história, a identidade do lugar e a expressão contemporânea e funcionalidade da nova proposta.

Tudo foi pensado de forma a se fazer o aproveitamento do existente, criando uma relação com o tempo, o conforto e a paisagem.

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## 6.8. O Alambique



Figura 62. Imagem do Alambique e perspetiva 3D da proposta

Uma construção em pedra, com uma dimensão de cerca de 29,00m<sup>2</sup>, que antigamente servia como alambique de apoio ao armazém, na altura em que ainda se fazia a produção de vinho, e que passou noutra época a ser dedicada às refeições dos operários.

Lembro-me em criança de ser recebida naquele espaço, com uma cozinha simples, bem pequenina e sombria, com o mínimo necessário, e apenas com uma pequena porta de entrada e uma janela virada a Oeste. Pelos motivos descritos e pela falta de encanto que o edifício transmite, procurou-se no projeto dar-lhe aquilo que á primeira vista era necessário, a luz como elemento fundamental no edificado de forma a revalorizar a sua nova função.

Na verdade, para o edifício do alambique pretende-se projetar um espaço que possa ser alvo de diversas alterações consoante a necessidade do utilizador. Optou-se por isso por limpar as paredes existentes que foram reutilizadas no novo projeto. A cobertura em telha foi substituída por uma nova em telha plasma à cor antracite que interliga a edificação ao restante projeto de habitação.

A escadaria existente foi mantida e ampliada até à esquina da parede lateral que faz a divisão com o parque de estacionamento. A porta principal foi ampliada para um grande vidro fixo, que acompanha o formato da empena do edifício.

Na parede lateral, onde existia uma pequena janela de formato retangular com caixilharia de madeira aos quadrados, substituiu-se esse vão por outro de formato circular, acompanhada no exterior por espaços verdes recortados na mesma forma arredondada, de forma a quebrar as linhas verticais dominantes no projeto.

A edificação contém uma pequena zona de arrumos com acesso a uma casa de banho de serviço, e o restante espaço foi pensado para sala polivalente. Tanto poderá servir para sala de reuniões, como sala de eventos, ou como um espaço que os hóspedes podem usar para descansar ou ver um filme fora do seu estúdio. Todo o interior foi pensado em tons claros para dar a sensação de maior amplitude, uma vez que se trata de um espaço de pequena dimensão.

No interior, a parede que faz a divisão para as áreas técnicas foi revestida com madeira, que combinam com os tons claros do chão, ocultando a porta que esconde a área de arrumos, dando assim a ideia que não existe nada além daquela parede.



Figura 63. Perspetiva 3D do interior do Alambique com vista para o Armazém

A concepção do interior do antigo alambique foi projetada para o uso de tons claros, para dar a sensação de maior amplitude do espaço, considerando-se a pequena dimensão do edifício. Com esta abordagem pretendeu-se proporcionar um ambiente mais arejado e acolhedor.

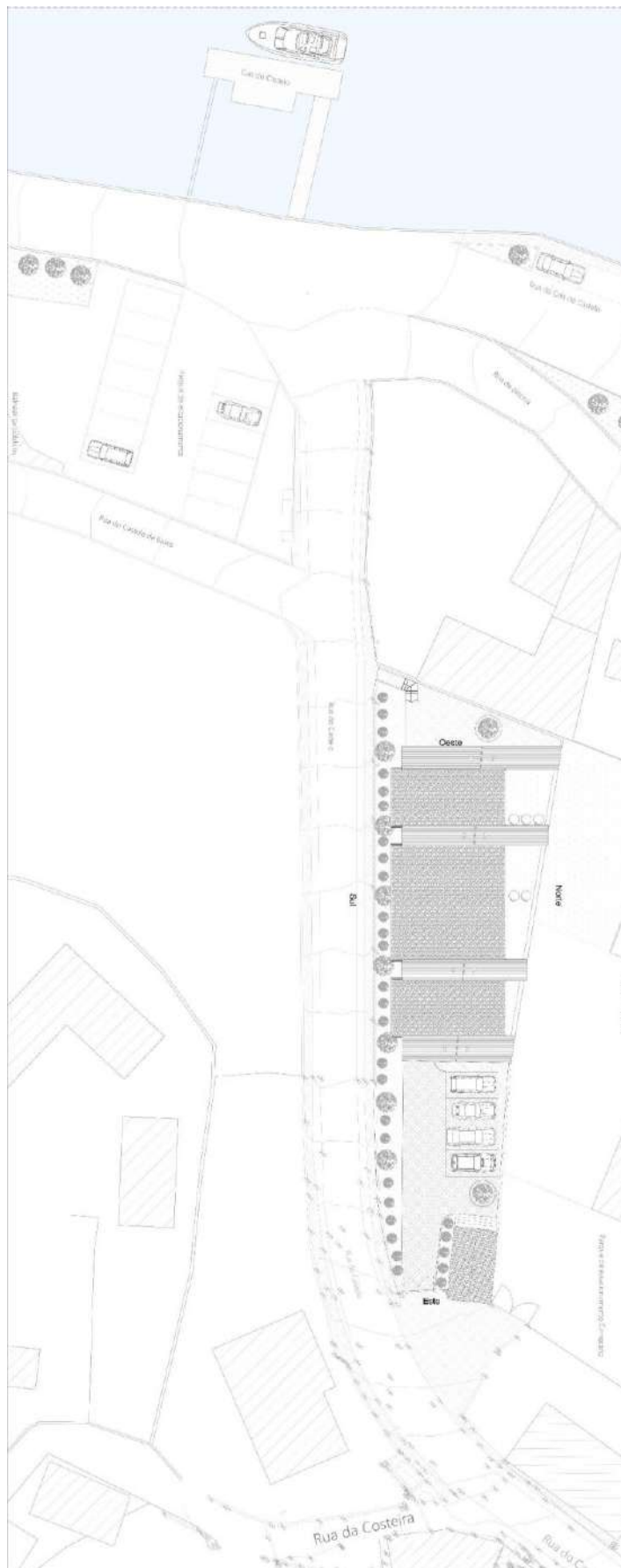
Tendo presente que a intenção do projeto é deixar em aberto a possibilidade tanto de alojamento turístico como para habitação permanente, optou-se por não se projetar nenhum tipo de mobiliário (a não ser o da instalação sanitária), uma vez que a funcionalidade do espaço será determinada pelo responsável do empreendimento, permitindo a liberdade de escolha.

Essa abordagem flexível pretende oferecer uma solução adaptável e personalizável, permitindo que o antigo espaço do alambique seja utilizado de acordo com as necessidades específicas de cada ocasião ou atividade. Essa flexibilidade permite que o ambiente seja configurado e reconfigurado conforme a necessidade, proporcionando uma experiência versátil e adequada às diversas finalidades que o espaço possa abrigar.



Figura 64. Perspetiva do interior do Alambique com vista para a entrada

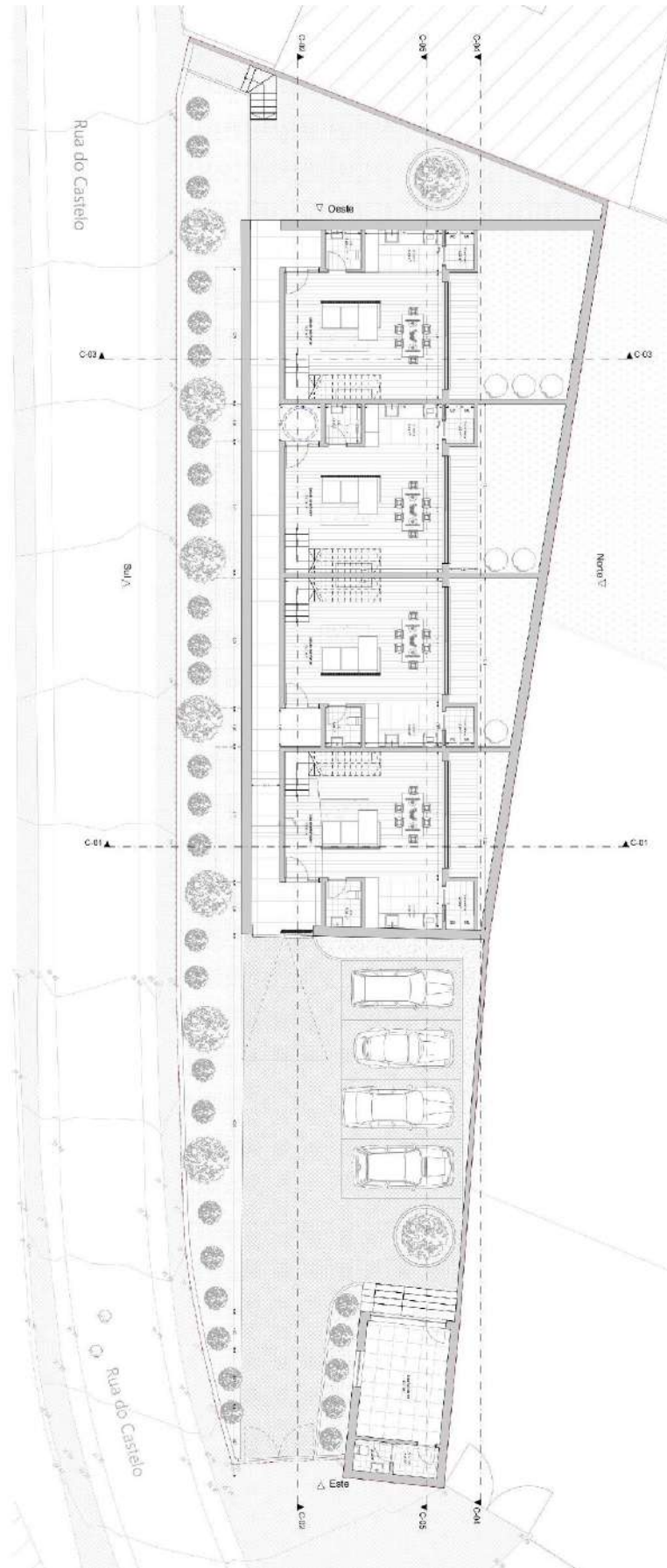
## 6.9. Plantas



Planta síntese/ sem escala

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Planta Piso 00 | sem escala

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## 6.11. Renders



Vista Este e Sul, respetivamente

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Vista Oeste e Norte, respetivamente

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Vista Norte

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Vista Sueste

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva



Fotomontagem

Adaptação de Arquitetura industrial a novos usos.  
Intervenção em Castelo de Paiva

## Conclusão

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram abordados diversos temas fundamentais para se chegar ao resultado final do projeto de alteração de uso. Numa primeira parte fez-se um estudo da região de Castelo de Paiva e depois passou-se para um estudo mais particular sobre conceitos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

A evolução dos conceitos de reabilitação, restauro e conservação, cada vez mais relevantes e necessários na arquitetura, permitiu explorar de forma mais coerente as complexidades e desafios envolvidos na transformação de um edifício existente para desempenhar uma nova função.

Através do estudo das *Cartas do Património de Veneza, Cracóvia e Atenas*, pôde-se compreender melhor a transformação gradual dos conceitos de restauro, desde as abordagens mais conservadoras que preservavam de forma rígida a autenticidade arquitetónica, até uma compreensão mais ampla e atual, que valoriza a preservação da identidade histórica e cultural dos edifícios. Elas ressaltam a importância de encontrar um equilíbrio entre a conservação dos elementos originais e a adaptação dos novos espaços, levando em consideração fatores como a autenticidade, e o significado cultural.

Os documentos promovem a preservação e a identidade histórica e cultural dos edifícios, que promovam relevância para as gerações futuras.

Além do estudo dos conceitos mencionados, foram selecionados alguns casos de estudo que se achou serem de grande relevância para a elaboração do projeto de arquitetura, já que à semelhança do propósito da presente dissertação, se destacavam por serem edifícios de carácter industrial alterados para novos usos.

Assim, ao analisar os projetos *Bar Virgen del Carmen*, do Estudio Arn Arquitectos, e a *Casa em Barcelona*, de Cadaval e Solà Morales, encontrei alguns contributos para o projeto, nomeadamente como a escolha dos materiais pode ser fundamental para alcançar a funcionalidade desejada em projetos de alteração de uso e como a organização do espaço interior deve ser pensada de forma refletida para se chegar à melhor abordagem possível.

As referências permitiram explorar a aplicação dos materiais usados em projetos de carácter industrial, inspirando a escolha da escada metálica em chapa de aço no projeto, que representa uma solução arquitetónica que integra elementos contemporâneos com o carácter industrial do espaço original do armazém, no novo uso habitacional.

Ao estudar a abordagem de Lacaton e Vassal, dois arquitetos que prestam especial atenção à sustentabilidade em projetos de alteração de uso, compreendeu-se a importância de valorizar os recursos existentes e explorar soluções simples e económicas para transformação dos espaços. Em sintonia com a abordagem desses arquitetos, procurou-se adotar uma postura de reaproveitamento e valorização dos recursos disponíveis no local.

No projeto, realizou-se o reaproveitamento das pedras das paredes existentes que foram demolidas nas partes superiores das paredes exteriores, reconhecendo a sua importância

histórica e a contribuição para a identidade do edifício. Essa abordagem permitiu a preservação da memória do armazém original.

Também o aproveitamento das asnas metálicas resultou numa transformação equilibrada, onde elementos pré-existentes com a mesma função passam a ter um significado distinto na configuração do novo espaço para habitação.

A análise de todos os elementos descritos, contribuiu de forma significativa para a elaboração do trabalho de arquitetura de alteração de uso, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre a evolução dos conceitos do restauro, bem como quanto à seleção dos materiais adequados que permitissem a harmonia entre a função, a estética e a sustentabilidade, cujo resultado se reflete num projeto que preserva a história e a identidade do edifício, ao mesmo tempo em que corresponde às necessidades contemporâneas.

Assim, a reabilitação do armazém de Vinhos situado na praia do Castelo procura dar uma nova imagem não só ao edificado como a toda a envolvente, cuja atribuição de características contemporâneas e a intenção de manter o tanto quanto possível a pré-existência, obedece ao conceito de respeito pelas quatro paredes que carregam as vivências dos usos de outrora e simultaneamente ao reconhecimento da importância de responder às circunstâncias e exigências atuais.

Além de uma nova imagem atribuída ao local através do projeto de arquitetura, com a preocupação em manter as paredes existentes e a respetiva mancha de implantação já estabelecida, foi também possível a reutilização de um espaço que não tinha atribuída qualquer função, para algo que satisfaz as carências atuais de forma lógica, procurando dar continuidade ao passado.

Conclui-se a presente dissertação apelando à reutilização dos edifícios em estado de degradação ou, como neste caso, em esquecimento, procurando garantir as suas identidades, não esquecendo a história e olhando também para a vertente ecológica, fazendo-se o reaproveitamento dos materiais existentes na região, diminuindo-se assim os custos e dando espaço e oportunidade às gerações atuais e futuras para construir.

## Bibliografia

- Alarcão, P. (2019). *Construir na Ruína, entre a reconstituição e a reabilitação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amendoeira, H. T. (2012). *Restauro e reabilitação do património edificado do séc. XX português. O caso do concelho de Almada* (Dissertação de Mestrado). Almada: Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa.
- Blanco, J. R. (2008). *De varia Restauratione - Teoria e historia de la restauration arquitectonica*. Madrid: ABADA Editores.
- Carta de Atenas. (1931). *Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos*. Obtido em 12 de 05 de 2023, de <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>
- Carta de Cracóvia. (2000). *Princípios para a conservação e o restauro do património construído*. Obtido em 12 de 05 de 2023, de <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>
- Carta de Veneza. (1964). *Sobre a Conservação e restauro dos monumentos e sítios*. Obtido em 12 de 05 de 2023, de <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>
- Choay, F. (2000). *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.
- Choay, F. (2011). *Património em Questão. Antologia para um combate*. Belo Horizonte: Finotraço.
- Langer, J. (1999). Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. *As origens da Arqueologia Clássica(9)*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lima, A. M. (1999). O território Anegia e organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII). Porto: Universidade do Porto.
- Lima, A. M. (2019). *Do Castelo da Ilha à Ilha do Castelo, História Lendas e Tradições*. Castelo de Paiva : Municipio de Castelo de Paiva e ADRIMAG.
- Luso, E. (2004). *Breve História da teoria da conservação e do restauro* (Dissertação de Mestrado). Minho: Universidade do Minho.
- Lyra, C. C. (2006). Revista do programa de pós-graduação em Artes Visuais EBA. *A importância do uso na preservação da obra de arquitetura*. Rio de Janeiro:Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Monterey, G. (1997). *Castelo de Paiva Terras ao Léu*. Porto: BABEL.

- Município, Castelo de Paiva. (2017). *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana*. Castelo de Paiva: Strategy XXI. Obtido em 10 de 01 de 2023, de <https://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/planest>
- Oliveira, R. P. (2008). *O pensamento de John Ruskin*. Fonte: resenhasonline: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>
- Pinho, M. R. (1991). *Elementos Bibliográficos para a História de Castelo de Paiva*. Castelo de Paiva: ADEP.
- Pleno, A. R. (2018). *A origem da identidade arquitetónica dos Locatons & Vassal. Influência do período em África e do mentor Jacques Hondelatte*. (Dissertação de Mestrado). Coimbra: Repositório científico da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, D. P. (2017). Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Fernando Pessoa: "A obra nasce". *Reconstruir lugares, da Bacia Carbonífera do Douro*, 12. Porto: Universidade do Fernando Pessoa.
- Ribeiro, D. P. (2022). *Território de produção energética e património Paisagístico. A Bacia do Douro*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Sullivan, L. H. (1896). "The tall office building artistically considered". Em L. Magazine. Philadelphia: J.B.Lippincot.
- Vasconcelos, J. (1895). *O archeologo Português* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vinho, A. d. (2007). *Teritórios Vinhateiros Olivícolas e Corticeiros de Portugal*. Cartaxo: AMPV.
- Viollet-Le-Duc, M. (1858). *Dictionnaire Raisoné de L'Architecture Française*. Paris: A. Morel, Éditeur.
- Vovelle, M. (1789-1799). *A Revolução Francesa, 1789-1799*. (P. E. Duarte, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Winckelmann, J. J. (2006). *History of the Art of Antiquity (História da Arte dos Antigos)*. Los Angeles: Getty Research Institute.

**Documentos Eletrónicos:**

Archdaily. (2021). Quem são Lacaton & Vassal?.

<https://www.archdaily.com.br/br/958577/quem-sao-lacaton-and-vassal-15-fatos-sobre-os-vencedores-do-premio-pritzker-2021>

Archdaily. (2016). Habitação de Luxo Armazém

<https://www.archdaily.com.br/br/868450/habitacao-de-luxo-armazem-pedra-liquida>

Archello. (2015). Bar Virgen del Carmen.

<http://archello.com/project/bar-virgen-del-carmen>

ArchEyes. (2017). Lacaton & Vassal & Bibliografia.

<https://archeyes.com/lacaton-vassal-biography-bibliography/>

Archilovers. (2017). Posito Pesquero of Santa Pola refurbishment | arn Arquitectos.

<http://www.archilovers.com/projects/203195/posito-pesquero-of-santa-pola-refurbishment.html>

Arquivo Municipal do Porto. Mapa do território de Anegia, relativo ao séc. XI.

<https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/331584/>

Aproplan. Obra Viver o Douro

<https://aproplan.pt/a-obra-viver-o-douro-avanca-a-passo-certo/>

Britannica. (2023) John Ruskin.

<https://britannica.com/biography/John-Ruskin>

Caça devolutos. Minas do Pejão.

<https://www.cacadevolutos.pt/minas-do-pejao-castelo-de-paiva-2/>

Câmara Municipal de Castelo de Paiva. Rota dos ofícios tradicionais de Paiva.

<http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/rota-dos-oficios-tradicionais-de-paiva>

Câmara Municipal de Castelo de Paiva. ADEP Associação de estudo e Defesa do Património de Castelo de Paiva.

<http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/associacao-de-estudo-e-defesa-do-patrimonio-de-castelo-de-paiva>

Castelo de Paiva. Montanhas mágicas.

<http://montanhasmagicas.pt>

Facebook. Monumentos desaparecidos

<https://www.facebook.com/MONUMENTOS.DESAPARECIDOS/photos/ilha-dos-amores-agora-e-antes-da-barragem-de-crestumaleverilha-dos-amores-n%C3%A3o-%C3%A9-/438226966212157/>

Dareyouspot. Percurso Viver o Douro

<https://dareyouspot.com/Routes/Details/224>

Lacaton e Vassal. (2011). Tour Bois le Prêtre.

<http://www.lacatonvassal.com/?idp=56>

Lacaton e Vassal. (2012-2014). Palais de Tokyo.

<https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=20>

Ivo Tavares. (2017). Theatro Mimool.

<https://www.ivotavares.net/theatro-mimool-arquitectura/>

Património Cultural. (1931). Carta de Atenas.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

Património Cultural. (2000). Carta Cracóvia.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

Património Cultural. (1964). Carta Veneza.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

Património Cultural. Publicações

[https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_4/193\\_territorio\\_anegia.pdf](https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_4/193_territorio_anegia.pdf)

Payva Experience. Cavalete e poço do fojo.

<https://payvaexperience.pt/locais-cavalete-e-poco-do-fojo#images>

Sistema de informação para o Património Arquitetónico. Monumentos.

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6452](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6452)

Revistapunkto. (2014). Lacaton et Vassal: mode d'emploi.

[https://www.revistapunkto.com/2015/02/arquitectura-pela-arquitectura-lacaton\\_4.html](https://www.revistapunkto.com/2015/02/arquitectura-pela-arquitectura-lacaton_4.html)

Rota do Românico. Monumentos.

<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/marmoiral-de-sobrado/>

SOS Rio Paiva. Associação de defesa do Vale do Paiva.

<https://sos-rio-paiva.negocio.site/>

The Pritzker Architecture Prize. Anne Lacaton e Jean Phillippe Vassal

<https://pritzkerprize.com/laureates/anne-lacaton-and-jean-phillipe-vassal>

Vinho verde. Denominação de origem controlada.

<https://www.vinhoverde.pt/pt/denominacao-de-origem-controlada>

Issuu.(2018). Guia Teorias do Patrimônio.

[https://issuu.com/angkni/docs/guia\\_patrimonio\\_angela\\_mariane\\_paul](https://issuu.com/angkni/docs/guia_patrimonio_angela_mariane_paul)